

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E
ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA



ISCAL

O PAPEL DA FACULDADE DE ECONOMIA
NO FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO
EM BENGUELA/ANGOLA

Pedro Nambi Cornélio

Lisboa Junho de 2017

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E
ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA

O PAPEL DA FACULDADE DE ECONOMIA
NO FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO
EM BENGUELA/ANGOLA

Pedro Nambi Cornélio

Dissertação submetida ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Empreendedorismo, realizada sob a orientação científica do Doutor José Moleiro Martins, Professor diretor do curso.

Constituição do Júri:

Prof. Especialista Carlos da Silva Nunes – Presidente

Prof. Especialista (Mestre) Mário Nuno Mata – Arguente

Prof. Doutor José Moleiro Martins – Vogal

L i s b o a , J u n h o d e 2 0 1 7

"A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo" (PETER DRUCKER)

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho de investigação tem sido conduzido por vários contributos.

Gostaria de mostrar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram, de uma forma positiva para realização do mesmo. O primeiro agradecimento vai para Deus celestial.

Para o meu orientador, Professor Doutor José Moleiro Martins, por acreditar nas minhas competências e fazer-me acreditar que realmente é possível. Pela paciência, disponibilidade, exigência e colaboração durante todo o processo da investigação.

Aos meus Professores do mestrado gratidão profunda, pelo empenho demonstrados nas aulas.

Às instituições como a Faculdade de Economia da Universidade Katyavala Bwila, e a Associação dos Empresários do MPLA e Empreendedores de Benguela, pela entrega total de responderem às entrevistas. Aos meus colegas do curso, especialmente o Ricardo Albuquerque, André Simão Bonança, António Piteira, Sónia Ricardo e Filomena Barbosa. Por insuficiência de espaço não os posso nomear a todos. Todavia, cabem todos no mais profundo do meu reconhecimento e estado de gratidão, por todo o apoio, pela camaradagem, pelas partilhas de saberes e pelo convívio.

Uma nota vai para o meu pai eterno Cornélio Madaleno, e para a minha mãe Verónica Nakohamba; à minha família Manuela Cornélio, Cristina Cornélio, Wiliandre Chingi, Marco Cornélio, Natanaela Cornélio, Daniel Cornélio; aos meus sogros Cornélio Chingi e Amélia Chingi, pela amabilidade de cuidar dos meus filhos quando tinha que me deslocar para Lisboa gratidão profunda. À minha irmã Maria, e ao meu primo Cristiano!

Aos meus amigos: Henriques Tchawa, Simão Cafala, Francisco Cafala, Paulo Chilala, José Gomes, Narciso, Amélia, Judith, Sr. Portela, Sarita, Cavela, Pirlé, Figueira, Edemercio o casal Lama e Mantas e Edgar Eduardo. Os meus sócios de negócios: Ângelo, Belém, José, Lupakas, Gaducho e Chuva, pela ajuda constante.

A Todos um “Muitíssimo Obrigada”

RESUMO

O empreendedorismo tem tido um valor crescente no mundo em virtude das inúmeras mudanças que vêm ocorrendo, principalmente nas relações de trabalho e na questão de emprego e renda.

O empreendedorismo tem sido a discussão de algumas instituições de ensino, por isso, pretendemos que a presente investigação sirva como um meio impulsionador na melhoria do empreendedorismo em Benguela. O tema em questão refere-se à Faculdade de Economia, podendo estender a outros Institutos do Município que estejam nas mesmas condições. Para manter o futuro coeso de Angola, na vertente económica e à luz dos novos acontecimentos, há que incentivar os estudantes a criarem os seus próprios projetos e negócios.

Todavia, uma das ferramentas que poderá viabilizar o fomento na Faculdade de economia na criação de oportunidade será um novo método de promover a cultura e intercâmbio de experiências de negócios de modo a criar um clima favorável ao empreendedorismo e estimular a criatividade dos estudantes para a necessidade da inovação.

A metodologia escolhida para aplicação é de natureza qualitativa, com recurso à análise de conteúdo, sendo a recolha de informação assente em entrevistas a estudantes, à associação de empresários e empreendedores da província de Benguela.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Educação, Desenvolvimento, Economia.

ABSTRACT

Entrepreneurship has had a growing value in the world because of the numerous changes that have been taking place, mainly in labor relations and the issue of employment and income.

Entrepreneurship has been the discussion of some educational institutions, so we want this investigation serves as a kind of booster to improve entrepreneurship in Benguela. The issue at hand refers to the Faculty of Economics, and may extend to others institutes of the city that are under the same conditions. To keep the future of Angola, in cohesive economic and in the light of new developments, we must encourage students to create their own projects and business.

However, one of the tools that can make the promotion at the Faculty of Economics in creating opportunity will be a new method of promoting culture and exchange of business experiences in order to create a climate conducive to entrepreneurship and to stimulate the creativity of the students to the need of innovation.

The methodology chosen for application is of qualitative nature, using content analysis and the collection of information based on interviews with students, it is the Association of business owners and entrepreneurs of the province of Benguela.

Keywords: Entrepreneurship, Education, Development, Economy

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VII
ÍNDICE DE TABELAS	VII
LISTA DE ABREVIATURAS	VIII
1. INTRODUÇÃO.....	1

1.1 Objetivos do Trabalho.....	3
1.2. Importância e Relevância do estudo.....	3

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

CAPÍTULO I – EMPREENDEDORISMO: CONCEITOS, TEORIAS E PERSPECTIVAS.. 7

1.1-Empreendedorismo	7
1.1.1-Empreendedorismo social e comercial.....	11
1.1.2-Motivação dos indivíduos como determinantes do empreendedorismo	13
1.2-O Empreendedor	15
1.2.1 Características do empreendedor	16
1.2.2 Competências e comportamentos pessoais no empreendedor	18
1.3. Fatores de fomento do empreendedorismo	19
1.4. Empreendedorismo e Crescimento Económico	21
1.4.1 Da educação empreendedora ao crescimento económico	23
1.4.2As principais normas para uma educação empreendedora	26
1.5 Ensino Superior e Empreendedorismo	27
1.6 Síntese da revisão da literatura.....	31
1.7 Questões de Investigação	35

CAPÍTULO II- EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO EM ANGOLA 38

2.1Empreendedorismo em Angola – Breve Caracterização.....	38
2.2Condições Estruturais de Fomento ao Empreendedorismo em Angola (GEM – 2010).....	39
2.3Empreendedorismo no Desenvolvimento Económico de Angola.....	42
2.3.1As políticas angolanas de incentivo ao empreendedorismo	45
2.3.2 Políticas de empreendedorismo na província de Benguela.....	47

2.4. O Ensino do Empreendedorismo em Angola	49
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	
O PAPEL DA FACULDADE DE ECONOMIA NO FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO EM BENGUELA/ANGOLA: ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA	
CAPÍTULO III- ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	53
3.1.1. Método de investigação.....	53
3.1.2.Recolha de dados	54
3.2. Tratamento de Dados	56
CAPÍTULO IV: CAMPO DE ESTUDO: UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA	58
4.1 Caracterização da universidade Katyavala Bwila	58
4.2 Apresentação análise dos resultados	59
CAPÍTULO V: RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	64
CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
CAPÍTULO VII– CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO FUTURA.....	72
7.1 Recomendações para melhoria do ensino em UKB	76
7.2. Limitações do estudo e sugestões de investigação futura	77
7.2.1 Limitações do estudo	77
7.2.2 Sugestões de investigação futura.....	77
Anexos	85
Anexo 1_ Grelha de análise de entrevistas.....	86
Anexo 2- Guião de Entrevista	87

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Modelo em árvore de desenvolvimento das competências empreendedoras.....	18
Figura 2: Modelo de wennekers e thurik.....	22
Figura 3: Distribuição dos empreendedores angolanos por sector de atividade.....	39

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Ilustração de conceitos de empreendedorismo	10
Tabela 2: Características dos empreendedores	17
Tabela 3: Principais padrões distribuídas em três secções	27
Tabela 4: Diferença do foco entre o negócio tradicional e empreendedor	28
Tabela 5: Evolução do pib real de angola 2014-2018	43
Tabela 6: Economias orientadas por : produção, eficiência e inovação	44
Tabela 7: Evolução de angola nas “atitudes em relação a intenção empreendedora.....	46
Tabela 8: Caracterização dos entrevistados	55

LISTA DE ABREVIATURAS

ANJE	Associação Nacional de Jovens Empreendedores
CLESE	Centros Locais Empreendedorismo e Serviços de Emprego
ES	Ensino Superior
DGIDC	Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
FE	Faculdade de Economia
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
I&D	Investigação e Desenvolvimento
ILE	Iniciativa Locais de Emprego
MBA	Master Business Administration
FE	Faculdade de Economia
MPLA	Movimento Popular libertação de Angola
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PM'S	Pequenas e Médias Empresas
PFE	Professor da Faculdade de Economia
PIB	Produto Interno Bruto
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
SNPD	Síntese Plano Nacional de Desenvolvimento
TEA	Taxa de Apoio ao Empreendedorismo
UKB	Universidade Katyavala Buila
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo e a educação encontram-se interligados. Porém, no que respeita ao empreendedorismo, ainda não existe consenso acerca do significado do conceito.

Confirma-se a sua utilidade pelo facto de ser uma fonte impulsionadora do crescimento económico, e meio motivador na criação de emprego e de novos produtos, para o mercado de trabalho e por gerar mudanças significativas que podem levar as melhores perspectivas de vida para toda a sociedade.

O empreendedorismo conduz, à criação de novos negócios e, por outro, ao progresso de negócios constituídos.

Existem características inerentes ao empreendedor que resultam da educação, da cultura predominante e do meio envolvente onde o indivíduo está inserido, não são inatas. No entanto, evidenciam-se algumas características comuns, designadamente, a necessidade de ser independente, autonomia financeira realização pessoal, a disposição para assumir as situações de incerteza, ser pró-atividade, a amabilidade, a responsabilidade e capacidade de inovar.

Tal facto é conhecido quase no mundo inteiro. Todavia, debruçar-nos-emos sobre Angola, mais concretamente sobre a influência e desenvolvimento na formação dos estudantes futuros empresários (empreendedores) como elementos importantes do processo dinamizador da economia. Por isso, a transferência de conhecimento, de modo que o ganho de conhecimento produzido pelas instituições académicas podem ser importante no impacto das unidades de negócios e sociedade.

Angola é um país em desenvolvimento com muitos desafios, elevado índice de pobreza nos últimos catorze anos. As mudanças ocorridas em tempo de paz, respeitante à política macroeconómica, demonstram o esforço do Estado angolano, têm tido especial impacto na área do empreendedorismo. Muitos acreditam que o empreendedorismo e o seu fomento através de políticas públicas apropriadas são um caminho para um crescimento económico que permitirá atenuar as diferenças regionais. A investigação sobre o empreendedorismo tem-se concretizado a nível global juntamente e ao nível das

regiões. O seu impacto sobre o crescimento económico é muito relevante. Assim, começam a surgir cada vez mais informações viradas para a criação do seu próprio negócio e a integração dos recém-licenciados no mercado de trabalho.

Nos dias de hoje, em Angola, as faculdades e institutos devem explicar como o processo de desenvolvimento estratégico fomentar a integração de um processo de intercâmbio entre vários agentes económicos como estudantes e pessoas singulares, de modo a assegurar a eficiência em toda as áreas do saber. As práticas existentes na forma do empreendedorismo internacionalmente devem ser explicadas em algumas instituições de ensino e estabelecimentos escolares para a execução de programas, de forma a potenciar estudantes e profissionais que sejam polivalentes, garantindo o benefício de carácter qualitativo na sociedade.

Dessa forma, pretende-se definir uma estratégia que garanta uma integração fluida na Faculdade capaz de proporcionar os incentivos do ensino do empreendedorismo nelas e nos institutos politécnicos. Esses incentivos passam por incluir currículos novos em termos de oferta formativa, apoiada num processo de ligação por meio de algumas disciplinas personalizadas no âmbito da criatividade da autonomia e do saber fazer. Devem funcionar como um sistema de inserção e de criatividade de forma a relacionar os estudantes, sociedade e as instituições públicas, ou privadas. A finalidade é a integração profissional, na procura das informações que potencialize as suas atividades, neste caso o empreendedorismo.

O estudo que apresentaremos, em forma de dissertação, relaciona-se com a Faculdade de Economia da Universidade Katyavala Bwila de Benguela, e se estrutura da seguinte forma:

No **primeiro capítulo** apresentaremos a revisão da literatura como nosso referencial teórico, para o desenvolvimento da investigação e examinando algumas teorias sobre o empreendedorismo e sua relação com a educação e o crescimento económico.

No **segundo capítulo** são analisados teoricamente as questões relacionadas com o empreendedorismo e o desenvolvimento económico em Angola e mais especificamente na província de Benguela.

O **terceiro capítulo** é dedicado ao estudo empírico e às questões metodológicas. São apresentadas neste capítulo as respostas de cada questão formulada, do papel da Faculdade de Economia no fomento do empreendedorismo na Província de Benguela. Finalmente apresentaremos as conclusões desta investigação, limitações e sugerir algumas recomendações de caráter significativo para a sociedade e a academia.

O **quarto capítulo** – Dedicar-se a caracterização da Universidade Katyavala Bwila como campo de estudo.

Segue-se o **capítulo cinco**, com as respostas às questões de partida.

Por último, os capítulos VI e VII onde são apresentados e discutidos os resultados da investigação empírica, as conclusões inerentes ao estudo, bem como as limitações e sugestões para futuras investigações.

1.1 Objetivos do Trabalho

Como anteriormente mencionado e tendo em conta a possível relação entre associação de empresário, ensino e fomento do empreendedorismo pela Faculdade de Economia, tornou-se possível delimitar o objeto da investigação como análise do processo de ensino na aprendizagem dos estudantes da Faculdade de Economia.

A motivação/objetivos gerais do estudo são expressos do seguinte modo:

1. Clarificar o papel da Faculdade de Economia no desenvolvimento do empreendedorismo no Município de Benguela;
2. Identificar os fatores, visão estratégica que podiam contribuir para a necessidade da implementação do ensino de empreendedorismo na Faculdade de Economia;
3. Avaliar a contribuição da associação de empresários e empreendedores para um ensino integrado na sociedade.

1.2. Importância e Relevância do estudo

Durante cerca de três décadas de guerra civil em Angola com êxodo rural, aparecimento da iniciativa do executivo angolano de combate a pobreza, com o número elevado de jovem desempregado, de acordo com os dados disponível no portal do Instituto Nacional de Estatística em Angola (INE) no ano de 2014 aponta que, 24% da população

compreendida entre 15-24 anos, são desempregado e a província de Benguela a taxa é de 14% desempregado num universo 2231385 ou 2,6 milhões de habitantes, este número tende a crescer pelo facto de algumas empresas fecharem as portas e outras despediram empregado de acordo com as observações a razão invocada por parte das empresas foi a crise que o país atravessa e as Instituições de Ensino Superior e outras com a concretização desse estudo, poderão servir-se do mesmo como linha orientadora de fomentar o empreendedorismo uma vez que, as universidades têm uma responsabilidade acrescida, no desenvolvimento do país

De acordo com Gaspar (2010) refere a recomendação da Comissão Europeia no Livro Verde no sentido de fomentar o espírito empreendedor em vários segmentos da sociedade, para que as pessoas reflitam seriamente nos seus talentos de formas a pensar nos seus próprios negócios.

A importância desse estudo é de olhar e procurar que para as Instituições do Ensino Superior de modo a promover e criar uma cultura proactiva e de ter iniciativa própria na procura do conhecimento com capacidade de identificar a oportunidade, com estas ações, sendo possível implementar um ensino voltado para a procura de soluções sem pensar no governo para dar emprego. Assim, criar uma alternativa competitiva por parte do Cidadão para gerarem emprego e prestígio na competitividade da empresa.

A relevância do estudo **reside** no facto de ser um processo em que a sociedade procura inovações técnicas em bens e serviços. Por outro lado, é um mecanismo pelo qual investiga ineficiências no funcionamento do empreendedorismo em termos de política do Estado e vai ajudar a cumprir a sua missão, podendo proporcionar o surgimento de um centro de conhecimentos nas Instituições escolares.

O fomento da cultura do empreendedorismo na sociedade e na Faculdade de Economia no Município de Benguela, será uma mais-valia por ser uma atitude que permite aos estudantes prevenirem com qualidade e segurança o futuro. Considerando a criação da Empresa de forma a desenvolver projetos sociais académico científico na área de empreendedorismo por parte da sociedade, possibilitando um quadro sadio na política económica e no histórico dos estudantes que frequentam as Faculdades e Instituições Privadas.

A cultura empreendedora nesta Universidade, permite disseminar fundamentos teórico-práticos para mostrar que existe um novo capital de competência estratégica de base nacional que se pode aprender a descobrir.

Com a crise de Angola a atravessar uma baixa do petróleo no mercado mundial, segundo o jornal *Público* (*Economia*, 2016:17) *O relatório de auditoria da EY exprime várias reservas às contas comunicadas pelas petrolíferas angolanas. Num contexto de descida acentuada do preço de petróleo, a empresa, integralmente detida pelo Estado, tinha comunicado no relatório e contas, apresentado o início do ano, receita de 2,3 bilhões de kwanzas em 2015 (perto de 13 mil milhões de euros), o que significou uma descida de 38% em relação a 2014. Neste sentido, o resultado líquido caiu 66%, para 47 mil milhões de Kwanzas (259 milhões de euros).* Desta forma, aposta na criação de novos negócios, sendo um sinal de confiança da diversificação da economia angolana e na capacidade muito concreta de se alterar de uma vez por toda o modelo de desenvolvimento económico para o futuro. O futuro de Angola faz-se com os angolanos é esse o teor que as universidades devem deixar neste tempo de crise.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

CAPÍTULO I – EMPREENDEDORISMO: CONCEITOS, TEORIAS E PERSPECTIVAS

É nas recentes visões decorrentes do plano económico, a nível mundial, que se tem verificado progressos na valorização da cultura empreendedora. As grandes mutações de domínio económico, principalmente em torno das empresas, são caracterizadas como as principais causas do grande *growth* do empreendedorismo.

Mas antes de se partir para uma análise das causas do empreendedorismo, é importante conhecer o conceito de empreendedorismo.

1.1- Empreendedorismo

O conceito de empreendedorismo não é atual. Advém de séculos atrás, apesar das várias interpretações e concepções.

A começar por Richard Cantillon, banqueiro e empreendedor francês, foi o primeiro promotor do empreendedorismo. Na sua obra intitulada “*Essay on the Nature of Trade in General*” (1755), Cantillon caracterizou o empreendedorismo como um acto em que o indivíduo paga um determinado preço por um produto para vender a um preço incerto, tomando decisões como obter e usar recursos, assumindo o risco empresarial. Ou seja, o empreendedor é aquele que, de forma racional, conhecendo os riscos do mercado regulado pela concorrência, opta por investir com o seu próprio capital (Cantillon, 1755).

O mesmo entendimento é atribuído a grandes estudiosos de teorias económicas, tais como: Adam Smith (1776) e Jean Baptiste-Say, (1816), John Stuart Mill, (1848).

Smith (1776) refere-se ao empreendedor como pessoas que reagem às mudanças económicas, aventurando e especulando, projetando ou arquitetando, ou como aquele que projeta medindo os riscos de forma ponderada. Em todo caso, são características de indivíduos que Smith caracteriza como empreendedores, com capacidades de introduzir produtos e serviços no mercado (Smith, 1776).

Dos principais atores económicos, encontramos, ainda, Jean Baptiste-Say que, em 1800, analisou a teoria do empreendedorismo. Considerado pai do empreendedorismo, conjuntamente com Cantillon, Say (1816) caracteriza o empreendedor como aquele que arisca no mercado, mas que, ao mesmo tempo, parte de um setor de actividade mais

baixa, para um setor de maior rendimento. Say entende, desta forma, o empreendedor como um empresário capaz de gerar riqueza e responsável pelo desenvolvimento e crescimento económico.

Na segunda metade do séc. XIX, John Stuart Mill enriquece o conceito de empreendedorismo, ao caracterizá-lo como o pilar da iniciativa privada. Ou seja, os contributos económicos (e não só) que advêm da sociedade privada sucedem, na sua maioria, devido à capacidade que os cidadãos têm em ser empreendedores.

Em 1978, J. Schumpeter (*apud* Sofia 2008), junta inovação ao empreendedorismo, ou melhor, alguém que identifica uma oportunidade aplica uma inovação, tanto no produto como no mercado (Sofia, 2008). Já Carl Menger, na sua obra *Principles of Economics*, em 1871, associa o empreendedorismo à criação de oportunidades que conduzem ao crescimento industrial. Quer dizer, ser-se empreendedor está na capacidade de criação de oportunidades e de mudanças socioeconómicas.

Geralmente, o conceito apresenta várias conotações abrangentes.

Na análise dos autores em epígrafe, destaca-se, essencialmente, o que é o empreendedorismo, que de uma forma geral é caracterizado como uma iniciativa dos indivíduos particulares ou em grupo em oferecer algo à sociedade. Todos induzem a uma interpretação do empreendedorismo como a capacidade de os indivíduos identificarem a oportunidade de ariscarem e de posterior capacidade de criação de riqueza.

Apesar das conceções mais recentes não divergirem das mais antigas, naquilo que é o empreendedorismo, as várias mudanças económicas que se têm verificado nos séculos XX, XXI, (avanços tecnológicos, globalização, integração económica), alteraram as conceções daquilo do fenómeno empreendedorismo. Passou-se a distribuir as análises não só naquilo que é o empreendedorismo como também em tentar perceber os elementos por detrás da necessidade de ser-se empreendedor.

Na atualidade, e contrariamente às análises conceptuais acima apresentadas, a partir do século XX, o empreendedorismo passou a ser mais usual e o facto de este ser multidisciplinar, estudado e aplicado em todas as sociedades, áreas de estudo e de investimento, as tentativas de perceção são cada vez mais abrangentes.

Drucker (1985) define como característica principal de um empreendedor a oportunidade de procura e criação de um novo produto, tecnologia ou empresa. Estamos perante um autor que analisa empreendedorismo não só na vertente tradicional como

também numa perspectiva de inovação, onde o ser humano explora a sociedade numa espécie de reação às mudanças socioeconómicas e tecnológicas. Para além de Drucker, também Joseph Schumpeter (1934) já havia feito, na sua obra, uma análise conceptual do empreendedorismo com foco na inovação. Para Schumpeter (1934 *apud* Naudé, 2013), o empreendedor é aquele que se insurge no processo. Ele é criativo e destrutivo ao mesmo tempo, capitaliza e rentabiliza uma nova tecnologia ou uma tecnologia antiga, não inventa mas inova.

Ainda numa perspectiva atual, encontramos no livro “Empreendedorismo um conceito plural, in *Mico empreendedorismo em Portugal: Experiências e Perspectivas*” da autoria de Portela, J. (coord.); Hespanha, P.; Nogueira, C.; Teixeira, M.; Baptista, A, de (2008). Estes autores centram a análise no empreendedorismo não somente no facto de o indivíduo identificar a oportunidade, mas também impulsionado pela ocorrência de outros fatores, como desemprego, emprego precário, entre outros. Estamos perante uma teoria de empreendedorismo por necessidade.

Gries e Naudé (2011: 217 *apud* Naudé, 2013) reportam, ainda, o conceito de empreendedorismo como uma evolução do pensamento académico sobre o empreendedorismo e definem empreendedorismo como "o recurso, processo e estado de em que os indivíduos usam oportunidades positivas no mercado, criando e fazendo crescer empresas.

Assim, o empreendedorismo como criação de novos negócios é, atualmente, considerado motor de crescimento económico que molda não só o ambiente económico como constitui também uma forma de apoderamento dos indivíduos e das organizações, tal como o referem Thai e Turkina (*apud* Pinho e Thomson, 2016).

Finalmente no relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (2014) define empreendedorismo como uma actividade empreendedora em que:

1. A atividade empreendedora não é um ato heroico do indivíduo, independentemente do ambiente em que a atividade é executada.
2. A atividade empreendedora é uma saída, que advém da interação e perceção entre a oportunidade e de uma capacidade (motivação e habilidades) que, por

sua vez, depende das condições do ambiente respetivo em que o indivíduo está localizado.

É importante, finalmente, referir que o conceito de empreendedorismo, apesar das diferentes conceções e tipologias identificadas, bem como dos diversos dilemas inerentes, como denominador comum, está intimamente ligado à evolução social e económica, e que as mudanças mais recentes fazem com que o empreendedorismo seja um mecanismo de domínio comum que vai desde a governança ao domínio científico, político, da gestão e do ensino.

E é nesta perspetiva em que a Comissão Europeia, no livro verde, recomenda um maior esforço de investigação sobre o fenómeno do empreendedorismo, pelas seguintes razões: “a criação de emprego; o crescimento económico; a melhoria na competitividade; aproveitamento do potencial dos indivíduos (Gaspar, 2010).

Em torno do conceito de empreendedorismo, e pelo facto de existir uma vasta lista de contribuições teóricas, e devido à perspectiva de cada autor, segue-se o seguinte quadro (Kesici^a 2015):

Tabela 1: Ilustração de conceitos de empreendedorismo

<i>Conceitos</i>	<i>Autores</i>
Pessoa que corre riscos e toma decisões, que gere recursos limitados para o lançamento de novos negócios	Mill (1848)
É aquele que transforma recurso em produtos e serviços úteis, criando oportunidades para fomentar o crescimento industrial.	Menger (1871)
Identificar, buscar oportunidades	Stevenson and Gumpert (1985)
Criação de novas organizações.	Gartner (1989)
It is the process of doing something new (creation), and/or something different (innovation) for the purpose of creating wealth for the individual and adding value to society.	Kao (1993)
It is creating something of value from practically nothing	Jeffry Timmons
Entrepreneurship is the process of starting a business by taking all risks	Kesicia <i>et, al.</i> (2015)
Processo catalisador, de mais criatividade, inovação, crescimento e desenvolvimento.	Banha (2016)

Fonte: Elaboração própria

1.1.1- Empreendedorismo social e comercial

Relativamente aos tipos de empreendedorismo, e de acordo com Estrin *et al* (2016), existem duas formas de empreender, através do empreendedorismo social e comercial. Apesar de serem dois tipos de empreendedorismo que criam valores, o empreendedorismo social difere da comercial no objetivo primário da atividade.

No empreendedorismo social, os empreendedores identificam oportunidades que surgem de "problemas negligenciados na sociedade e que não são devidamente solucionados pelo governo (Santos, 2012).

O empreendedorismo social surge como uma nova forma de olhar para o empreendedorismo. Os empreendedores vêem nas situações sociais oportunidades únicas, criando o chamado "*Social Value*"¹, ou *senão, o social Welfare*, ou o empreendedor social utiliza características peculiares da sociedade em que está inserida em proveito da sociedade, mediante um envolvimento direto com a comunidade com o intuito de a desenvolver (Grisi, 2008).

Mações (2014:127) refere que esta forma de empreendedorismo envolve indivíduos e grupos que criam organizações independentes para mobilizar ideias e recursos com o fim de solucionar problemas sociais. Ou seja, um indivíduo que, de forma empreendedora, trabalha para o benefício público ou social em vez de ter em vista só a maximização do lucro como acontece no empreendedorismo comercial.

Enquanto o empreendedor privado tem foco na maximização do lucro, o impacto do empreendedor social não se mede pelos ganhos económicos e financeiros, mas sim pelo sucesso e impacto que a sua inovação terá no bem-estar da sociedade.

Em contrapartida, Mações e Bacigalupo *et al.* (2016:21) referem que é através do empreendedorismo que se visa fornecer soluções inovadoras para problemas sociais não resolvidos. Blank (2014) considera que os empreendedores sociais organizam entidades sem fins lucrativos para mudar o mundo. Nesse sentido, pode-se avaliar as necessidades da sociedade para aplicar investimento com o objetivo de solucionar e esperar o retorno do capital investido sem o lucro extraordinário, ou seja, o pequeno lucro é reinvestido em geral. A incidência deve estar voltada para agricultura, recursos hídricos, saúde e micro finanças. Segundo Bignetti (apud Santos e Seabras, 2015:62), a inovação social é

¹ Journal of Business Venturing

definida «como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades de forma geral». Desta forma, as inovações sociais também têm a ver com a tecnologia, de modo a fornecer soluções inovadoras no campo social. Para Westover e Rahimi (2010), um empreendedor social pode ser um indivíduo, grupo, rede organizacional ou aliança que procura a sustentabilidade, mudança em grande escala, através de ideias de quebras de padrões, como governos, organizações sem fins lucrativos e empresas para fazer resolver problemas sociais significativos. Esta definição apresenta oito pressupostos e vamos destacar apenas um:

Os empreendedores sociais podem ser indivíduos ou equipa, uma rede, comunidades que se unem para criar uma mudança de quebra de padrões, porém, esta definição apresenta a expansão social empresarial que existem, ou seja, está centrado na coletividade em resolver problemas sociais (Bryna e Levin, 1991 *apud* Westover *et al*, 2010). Yunus (2016) define o negócio social como "*a non-dividend company dedicated entirely to achieve a social goal. In social business, the investor gets his/ her investment money back over time, but never receives dividend beyond that amount. The sole purpose of the business is to solve a predetermined social problem in a sustainable way*".

No entanto, o conceito introduzido por Muhammad Yunus diferencia-se de alguns outros negócios sociais praticados. Este negócio não distribui lucros aos seus acionistas pelo facto de o lucro ser reinvestido na empresa. Esta decisão permite o não comprometimento e interesses. Dessa forma, o objetivo é reduzir a pobreza e outros problemas nas áreas da educação, saúde, acesso à tecnologia, e meio ambiente em que a sociedade está exposta.

A maioria das definições de empreendedorismo social no discurso popular, bem como na literatura académica, enfocam principalmente o empreendedorismo social dentro e entre os setores sem fins lucrativos e empresariais. Contrariamente no empreendedorismo comercial, os empreendedores fornecem bens e serviços e maximizam o bem-estar privado mas, ao mesmo tempo, dinamizam também o bem-estar social, uma vez que, sob a forma de bens, serviços e empregos novos e valiosos que têm impactos sociais transformadores (Estrin *et al*, 2016).

As teorias envolventes do empreendedorismo comercial definem esta como uma entrada em atividade empresarial que depende somente de estruturas de troca de mercado com o objetivo do empreendedor em maximizar lucros. Mas esse lucro é tanto quanto público como privado. A única motivação motriz que move o empreendedorismo comercial será a necessidade pela criação de riqueza (Mair e Marti, 2006, Zahra *et al.*, 2009 *apud* Santos, 2012).

1.1.2- Motivação dos indivíduos como determinantes do empreendedorismo

Entendemos como motivações individuais como os motivos que levam os indivíduos a serem empreendedores. A nossa abordagem baseia-se na distinção entre três tipos de motivadores do empreendedorismo.

Em 2001, o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) introduziu dois elementos diferenciadores na “motivação” do empreendedor, empreendedorismo de oportunidade e empreendedorismo de necessidade (Block and Sander, 2009).

1. **Empreendedorismo de oportunidade** – como o nome já diz, empreendedorismo de oportunidade é motivado pelas oportunidades. Conforme observado por Stevenson e Gumpert em 1985, os promotores do empreendedorismo são indivíduos que tendem a estar abertos a novas oportunidades e mudanças, guiadas pelo que Timmons (1992) caracterizou como ambiente externo. No empreendedorismo de oportunidade, os promotores na sua maioria preocupados com os benefícios oriundos das oportunidades, tanto que muitas vezes os promotores de empreendedorismo são considerados oportunistas que tiram proveito das oportunidades orientadas para a ação (Brown *et al.*, 2001). De facto, e tal como salientado por Short *et al.* (2010), sem oportunidade não há empreendedorismo.
2. **Empreendedorismo de necessidade** – definido pela GEM (2004), empreendedorismo de necessidade são pessoas que iniciam um negócio, a fim de perseguir uma oportunidade num determinado mercado (Reynolds, Bygrave, Autio, Cox, & Hay, 2002 *apud* Hansen, 2016). Ou seja, a criação do novo

negócio deve-se à falta de alternativas satisfatórias no mercado de trabalho. Segundo Portela *et al.* (2008), o empreendedorismo de necessidade nasce aquando de situações como desemprego, emprego precário. Por conseguinte, a decisão de se envolver numa atividade empresarial é uma escolha forçada, uma vez que todas as outras opções de emprego estão ausentes. Desta forma, enquanto o empreendedorismo de oportunidades tende a envolver tentativas inovadoras de explorar novos nichos de mercado, vários países estão a atravessar problemas difíceis na gestão dos seus recursos no sentido de proporcionar uma vida digna aos seus cidadãos. O empreendedorismo acaba por nascer por falta de alternativa.

O terceiro tipo de empreendedorismo advém da importância que as empresas atribuem a inovação.

3. Intraempreendedorismo – ou 'intrapreneur' acontece quando dentro das empresas há inovação e criação de oportunidades, dando aos funcionários liberdade de criar. Em parte, todas as empresas têm algum nível de empreendedorismo, mas dentro da empresa o comportamento ou atitude do intra-empreendedorismo é possível com uma liderança capaz de criar estímulo aos colaboradores, de forma que consigam desenvolver projetos e comprometido com a evolução das empresas (Ferreira, 2010:43).

Segundo Kanter (1990), o intra-empreendedor é importante dentro da organização. E para Pinchot (*apud* Bacigalupo *et al.*, 2016), o intra-empreendedor é visto como elemento fundamental nos vários sistemas de gestão empresarial que permite reformar o aproveitamento de alguns recursos tangíveis e intangíveis de forma a criar conhecimento dentro da organização por meio de um sistema de gestão que concorre para um posicionamento de cultura de inovação, facilitadora de princípio de projetos inovadores (Abrantes, 2014:1).

1.2- O Empreendedor

O que se entende por empreendedor?

Atualmente o empreendedor está no centro das atenções nas organizações, empresas e instituições de ensino. Por esta razão, os estudiosos preocuparam-se a estudar o indivíduo por detrás do empreendedorismo. Geralmente o empreendedor é alguém que administra, organiza e assume riscos de uma empresa ou de um negócio, como também cria ou desenvolve algo que ninguém pensou antes. Assim, alguns pensadores debateram-se sobre a definição do empreendedor. Schumpeter (1934), por exemplo, referia-se ao empreendedor como “*uma classe singular de atores sociais*”, enquanto McClelland *et al.* (1953 *apud* Portela *et al.*, 2008:28) definem empreendedor como aquele indivíduo que emerge de uma necessidade intrínseca de realização ou de sucesso. Por sua vez, M. J. Gottlieb (*apud* Kesici³ *et al.* (2015) definem o empreendedor como:

“An enterprenur is someone who can take any idea, whether it be a product and / or service, and have the skill set, wil and courage to take extreme risk to do whatever it takes to tum that concept into reality and not only bring it to market, but make it a viable product and/ or service that people want or need”.

Existem vários tipos de empreendedor, tal como Nogueira e Ramos (2013) os referem.

Existe o empreendedor que opta por o ser como estilo de vida, caracterizado como alguém que entendeu criar um negócio com objetivo de obter uma vida que ele próprio considera adequada, o mesmo não está muito preocupado com crescimento do negócio. O empreendedor em tempo parcial trata-se de uma pessoa que tem uma ocupação principal, mas procura no empreendedorismo uma segunda fonte de rendimento. Empreender a tempo inteiro denota uma pessoa que está focada no desenvolvimento do seu negócio. Em geral são pessoas que vivem comprometidas com a empresa no sentido de concretizar os seus sonhos. Empreendedor em série é aquele que começou como empreendedor em tempo inteiro e que desenvolveu o seu primeiro negócio, vendeu e agora procura com os seus colaboradores criar mais empresas por todo o lado, ou seja, quer ver o seu negócio em escalável Nogueira e Ramos (2013) .

1.2.1 Características do empreendedor

Em geral, todos os empreendedores possuem algumas características que os diferenciam dos outros. Gaspar (2010:34-35) afirma que podemos ensinar qualquer pessoa a empreender desde que tenha recursos, oportunidades disponíveis para lançar uma empresa num certo mercado, porém, não se consegue é ensinar a ter talentos, porque é provável alguns serem bons e outros não. Já Nogueira e Ramos (2013) argumentam que os empreendedores não são todos iguais, por sua vez podem-se identificar alguns perfis adequados para empreender.

Ferreira, Santos e Serra (2010:52), na linha com outros autores, convergem em afirmar que não há um só perfil empreendedor que inclua todas as características dos empreendedores de sucesso. Deste modo, as pessoas não nascem empreendedoras. A sociedade pode moldá-las para serem boas empreendedoras.

Smithikrai (*apud* Chanson, 2016) e Ferreira *et al.* (2010), com as investigações feitas nos seus percursos, partilham da ideia segundo a qual existem tipos de características de empreendedores de sucessos, que se baseiam em:

- I. Necessidades de ser independente, e realizar-se neste sentido o grau de preferência é trabalhar, ser patrão do seu próprio negócio, sem pensar em trabalhar para alguém.
- II. Assunção de riscos moderados: Geralmente o empreendedor assume risco moderado. O preferencial é errar cedo e rápido para evitar grandes perdas aceitar situações inesperadas.
- III. Autoconfiança: Os empreendedores confiam nas suas ideias, procuram oportunidades onde os outros não conseguem ver e, por sua vez, falham e acreditam nas suas capacidades para ultrapassar os obstáculos inerentes às etapas do negócio.
- IV. Assunção de responsabilidades: Vêm os erros como forma de aprendizagem constantemente. Deste modo, procuram aprender para evitar o insucesso.

- V. Capacidade de trabalho e de energia dedicam-se à vida, ao tempo todo, bem como aos negócios.
- VI. Competência em relações humanas: Consegue racionar-se facilmente com pessoas desconhecidas.
- VII. Criatividade e inovação: Geralmente os empreendedores são criativos e inovadores, desenvolvem novas abordagens, novos produtos e novos processos para lhe garantir a autossustentabilidade da empresa.
- VIII. Dedicção à empresa, têm paixão pelo negócio e gostam daquilo que fazem os seus colaboradores, podem depender da empresa.
- IX. Persistência, apesar do fracasso, os empreendedores são otimistas naquilo que fazem.
- X. Inteligência na execução, têm capacidade de converter as criatividades e a imaginação, a emoção e resultados mensuráveis, porém, está a essência da inteligência na execução.

De forma sintética, apresentaremos o quadro ilustrativo das características dos empreendedores.

Tabela 2: Características dos empreendedores

Empreendedores	Características
Assumir riscos	Coragem de aceitar situações inesperadas, aceitar consequências, tentar coisas novas.
Criatividade	Criar novos produtos, nova tecnologia, resolução de problemas
Determinação	Desejo de realização, capacidade de suportar dificuldade no meio envolvente
Perseverança	Dedicção ao trabalho, responsabilidade no trabalho
Versatilidade	Conhecimento, competência e profissões que podem ser integrados nos outros campos
Autoconfiança	A decisão de fazer algo com confiança, adaptação a situações novas
Responsabilidade	Compromisso com o trabalho; alcançar os objetivos
Crise/Oportunidade	Capacidade de transformar a crise em oportunidade

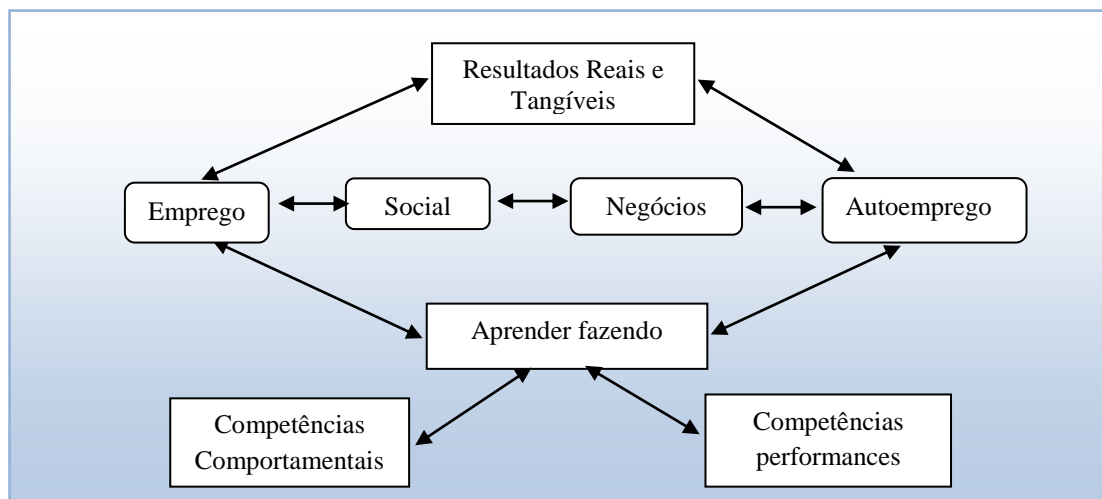
Fonte: Elaboração própria

1.2.2 Competências e comportamentos pessoais no empreendedor

As competências são necessárias para desenvolver uma tarefa de forma eficaz. Desta forma, as competências são entendidas como um conjunto de habilidades e atitudes que, por sua vez, podem ser motivadoras de desempenho. Elas incluem valores e prioridades. Segundo Bacigalupo *et al.* (2016:21), as habilidades (isto é, capacidades de aplicar conhecimentos, utilizar para concluir tarefas e solucionar problemas) são importantes no empreendedor. Contudo, Geraldo (2014 *apud* Ferrão e Rodrigues, 2000:85), estabelece que as competências se referem à habilidade, à excelência do fazer, à amplitude dos saberes e do saber-fazer num dado domínio. Por isso, estas encontram-se relacionadas com algumas performances e comportamentos. Para Ferreira (2014:57), existem dois tipos de competências que podem ser vistas como: competências de performance e comportamentais.

Desta forma, o modelo abaixo visa responder as seguintes perguntas.

Figura 1: Modelo em árvore de desenvolvimento das competências empreendedoras



Fonte: Adaptado por Ferreira (2014:58)

Os resultados reais e tangíveis podem ser entendidos como uma forma de aprender a mudar o mundo, alterando o modo de pensar. O emprego social, auto-emprego, estão voltados para as utilidades do sector. Aprender fazendo tem a ver com as experiências abertas e construtivas e propensas a erros. As competências básicas são: competências de performance, aquelas que traduzem qualificações ou habilidades para desempenhar

uma determinada tarefa, podendo ser aprendida por influências externas como na formação com métodos de ensino formais. Para ser um empreendedor deve-se dominar um saber técnico relacionado com o seu projeto. Este saber permitir-lhe-á mitigar pequenos erros, custos e desenvolver uma ideia, partindo de uma base sólida, ou seja, deve-se ter um conhecimento teórico mas não se deve esquecer da prática.

As competências comportamentais traduzem os traços de personalidades ou características, e manifesta-se através de atitudes, são auto-construídas e auto-aprendido, por isso as competências pessoais podem ser competências nucleares traduzidas em três: autoconfianças, resiliências e iniciativas. Estas permitem desenvolver projetos de forma persistente de desenvolvimento e inovação (Ferreira, 2014:59).

1.3. Fatores de fomento do empreendedorismo

O empreendedorismo é influenciado por diferentes fatores.

O simples facto de pensar em criar várias formas de empreender ou de empreendedorismo e implementá-las, só não basta. São vários os fatores que estão por detrás do estímulo ao empreendedorismo. De acordo com Naudé(2013), as diferenças entre países nos níveis de empreendedorismo e o fomento deste não podem ser influenciados simplesmente pelos fatores económicos. Este é, sim, influenciado por quatro fatores distintos: ambiente económico, cultura, desenvolvimento tecnológico e educação”. Estes fatores tanto podem facilitar como inibir o aparecimento do empreendedorismo. Por isso, é necessário proporcionar alguns atributos para um ambiente favorável à criação de novas empresas.

O ambiente económico é um dos fatores que exerce uma influência mais direta e imediata sobre o empreendedorismo. Isso é provável porque as pessoas se tornam empresários devido à necessidade quando não há outros empregos ou por causa de oportunidade. Há uma tendência cada vez maior para a política governamental promover o empreendedorismo por um benefício económico (Stephan e Pathak, 2016). Consequentemente, os governos procuram empregar factos para impulsionar o empreendedorismo e, ao mesmo tempo, estimular o aumento dos níveis de atividade económica. Em todo caso, o ambiente económico depende de fatores importantes como o capital por ser uma espécie de lubrificante ao processo de produção.

Entretanto, no estudo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) demonstra-se a importância que o empreendedorismo adquiriu, tornando-se uma ferramenta básica, no contexto atual, para a criação de emprego e para a geração de riqueza, destacando o facto de o crescimento e o desenvolvimento económico estarem ligados ao empreendedorismo (Acs *et al.*, 2005, Gómez-Grass *et al.*, 2010, Nabi *et al.*, 2010, Oosterbeek *et al.*, 2010).

O desenvolvimento tecnológico e as TICs também são importantes no fomento ao empreendedorismo, porque permitem que haja uma próxima relação entre empreendedorismo e inovação. As TICs aceleram o desenvolvimento de ideias e projetos e, conseqüentemente, fomentam o empreendedorismo.

A questão cultural também é um facto relevante no empreendedorismo.

Em Stephan *et al.* (2016), encontramos o conceito de empreendedorismo como um comportamento bastante específico, que muito tem em comum com a cultura, como fator de impulso ao empreendedorismo. Ainda vários autores como Freytag e Thurik (2010); Hayton *et al.* (2002); Krueger *et al.* (2013 *apud* Stephan *et al.*, 2016), apresentam a cultura como um aspeto que influencia o empreendedorismo. Estes defendem que as diferenças entre os países no que toca ao empreendedorismo não podem ser explicadas simplesmente por fatores económicos.

Os valores culturais como ideias partilhados entre os cidadãos onde se valorizam os princípios e as incertezas do empreendedorismo, as ações competitivas individuais acabam por permitir mais dinamismo em torno do empreendedorismo. Tal como defendido por Hayton e Cacciotti (2013 *apud* Stephan *et al.*, 2016), “com uma única cultura empresarial pode-se dar o lucho de se ter menos confiança em vez de mais”.

Este autor defende a importância de uma cultura empresarial nas sociedades que almejam a inovação e competitividade empresarial.

Para Hayton e Cacciotti (2002), os ideais e os objetivos partilhados na sociedade são vistos como facilitadores do empreendedorismo.

Os indivíduos baseiam-se na noção de "cultura-empresarial-ajuste" definido por Tung *et al.* (2007) e adotam o empreendedorismo como a disposição de suportar a incerteza.

Uma outra questão importante passa pela importância da educação no estímulo ao empreendedorismo.

Alguns estudos têm demonstrado um impacto positivo da educação para o empreendedorismo. São os casos de Block *et al.* (2013), Walter e Dohse (2012). Segundo estes, a educação permite compreender o mundo exterior e a partir daí impulsionar os indivíduos a serem empreendedores.

Em qualquer sociedade, o sistema de educação tem um papel significativo a desempenhar na transferência de valores empresariais e, conseqüentemente, do empreendedorismo. Além disso, o foco nos recursos humanos com competências é essencial ao crescimento econômico.

1.4. Empreendedorismo e Crescimento Económico

O crescimento foi desde sempre um dos temas de investigação mais usuais e cativantes das ciências económicas. Este é frequentemente entendido como um indicador de bem-estar económico.

Mas pergunta-se o que causa o crescimento económico. As variáveis explicativas para o crescimento económico são como vamos ver a seguir extensíveis.

Adam Smith, em 1776, apresenta o empreendedorismo no crescimento económico como um processo de criação de riqueza, começou o seu tratado com a lição de que a divisão do trabalho é limitada pela extensão do mercado. Para este, a medida que os mercados crescem, o empreendedorismo levaria à inovação, o que levaria a um aumento da divisão do trabalho e aumento da produtividade. Ou a contribuição do empreendedor ao desenvolvimento económico ocorre fundamentalmente pela inovação que introduz e pela concorrência no mercado.

Esta ideia é partilhada por Hayek (1945), que defende que as ideias desenvolvidas por empresários anteriores podem ser combinadas para produzir um novo processo ou uma saída mais inovadora. Onde as oportunidades empreendedoras tendem a aparecer dentro do contexto de um tempo e lugar específicos, de modo que, seguindo uma economia descentralizada que permite que os indivíduos agem em seus *insights* empresariais e os recompense por fazê-lo, produz um ambiente onde são suscetíveis de serem produzidos.

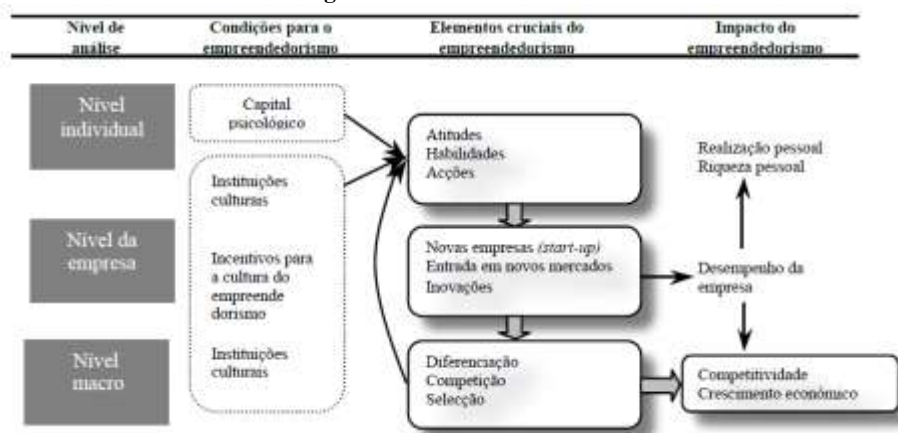
Desta forma, o empreendedorismo é a base para o crescimento económico. As ideias empreendedoras estabelecem a base para *insights* empresariais adicionais, que impulsionam o processo de crescimento (Hayek, 1945).

Outro pensador do crescimento nessa análise cronológica foi Schumpeter (1982). Este destacava a ideia de que o dinamismo no empreendedorismo é um fator importante no crescimento económico. Para ele, o empreendedorismo pode, sim, contribuir para o crescimento económico, desde que aplicado de forma inovadora. Segue essa teoria (Acs & Audretsch, 1990) que apresenta a ideia de que o espírito empreendedor é um contributo crescente para a economia do meio envolvente. Ela pode ser avaliada pelas transformações decorrentes da introdução de novos produtos no mercado pelas mudanças tecnológicas e inovando os processos produtivos.

Wennekers e Thurik (*“Linking Entrepreneurship and Economic Growth, 1999*) em Moura (2013) defendem também a existência de uma relação entre o empreendedorismo e o crescimento económico, tendo em conta três variantes importantes: condições de empreendedorismo, elementos cruciais de empreendedorismo e o impacto do empreendedorismo (cf. figura 2).

Um dos resultados apresentados pelo modelo de Wennekers e Thurik (1999) na variante impacto do empreendedorismo é a competitividade e crescimento económico. Para estes, o empreendedorismo é um fator positivo no crescimento económico a nível das inovações como a nível da concorrência.

Figura 2: Modelo de Wennekers e Thurik



Fonte: Adaptado de Wennekers e Thurik (1999)

Em estudos mais contemporâneos, temos Ács *et al.* (2008, van Praag e Versloot, 2007 *apud* Naudé, 2013) que também dão o seu contributo teórico na relação entre empreendedorismo e crescimento. Mas para estes, o impacto do empreendedorismo no crescimento económico é avaliado, tendo em conta o crescimento da produtividade e do emprego como indicadores de desenvolvimento. Não de uma forma multidimensional como salientado por Gries e Naudé (2011). No empreendedorismo, a criação de um novo negócio ou inovação de uma ideia já existente, desde que aplicado na melhor condição que se tenha presente resulta eficiência e dinamismo económico.

1.4.1 Da educação empreendedora ao crescimento económico

As competências empreendedoras são importantes e essenciais para o desenvolvimento das sociedades. Em detrimento disso a educação para o empreendedorismo tem sido estimulada nas últimas décadas nos países em desenvolvimento como forma de fomentar o crescimento económico.

No modelo desenvolvido por Wennekers e Thurik (1999), verificamos que um dos elementos cruciais presentes no empreendedorismo e que fomenta o crescimento económico, são as atitudes habilidades e ações a nível pessoal. Sem esses, o impacto do empreendedorismo seria negativo.

Mas para o indivíduo como empreendedor, como consegue ter esses elementos a nível pessoal?

Muitos teóricos respondem que a educação para o empreendedorismo é a resposta para as questões por detrás do empreendedorismo.

A começar, Timmons & Stevenson (1984 *apud* Ana Mendes, 2007:288) refere que empreendedorismo é uma aprendizagem, mas é “*uma aprendizagem realizada ao longo da vida*. O ser-se empreendedor não se aprende na escola. Adquire-se, sim, as coordenadas e técnicas teóricas do como ser empreendedor, mas a melhor forma de aprender é combinar as atividades educativas formais com as experiências de vida, mas que ao mesmo tempo depende das capacidades de cada indivíduo no seu singular.

A educação para o empreendedorismo acaba por ser um contributo transversal às diferentes disciplinas e áreas de estudo. Em todas as áreas de conhecimento, pode-se ser

empreendedor. Ela é uma ajuda à emergência das aptidões pessoais que, naturalmente, os indivíduos já têm. São as atitudes, habilidades e ações defendidas por Wennekers e Thurik (1999).

A Comissão Europeia (2002), ainda em Mendes (2007), reconhece a importância de dois elementos na definição de “*entrepreneurship teaching*”: a) um conceito mais amplo de «*education for entrepreneurial attitudes and skills*», que envolve o desenvolvimento de certas qualidades pessoais e que não está diretamente centrado na criação de novos negócios; b) um conceito mais específico de «*training in how to create a business*» (European Commission, 2002:15). Consequentemente os objetivos da educação empreendedora foram definidos de acordo com os diferentes níveis de educação “*primary education; secondary education e tertiary education*».

Malcata (2001:63) defende que a educação deve ser assumida «como construção indispensável gradual e ininterrupta do homem, do seu conhecimento e das suas capacidades de discernimentos e atuação». Desta forma, as instituições do ensino superior desempenham um papel de relevo no processo global na produção de cidadão empreendedor, pois, toda estratégia referente à educação não deve somente focar-se nos departamentos da educação mas para todos departamentos do funcionalismo público, de modo a mitigar possíveis resoluções das instituições.

Na visão de Ferreira (2010), a educação para o empreendedorismo deve ser encarada em duas visões: Primeiro o fenómeno da globalização que mudou a forma de encarar o mundo; segundo a revolução da tecnologia com a quebra das barreiras no acesso à informação. A transição da sociedade industrial para sociedade do conhecimento vai gerar dentro de algumas décadas a transformação e o modo como ensinamos e a forma de aprender, afirma Drucker (2007:203).

Nogueira e Ramos (2013:53) argumentam que o empreendedorismo devia ser objeto de ensino nos primeiros anos de escolaridade. É, desta forma, que seria possível alterar a ideia segunda a qual a principal razão para estudar é estar preparada para o emprego dar algumas diretrizes para a promoção do empreendedorismo. Como alternativa, seria prosseguir uma carreira profissional como empregado numa empresa ou instituição. Na opinião de TARU Ciobo e CLAUDIU, Adriano (2013), a contribuição da educação pode estimular o pensamento do processo da educação empreendedora para a sociedade empreendedora.

As literaturas mostram algumas definições sobre o que é educação para o empreendedorismo e o que não é. Neste sentido, Teixeira (2012:36) apresenta o conceito com algumas diferenças.

Figura 1 – Os Conceitos de Empreendedorismo para Educação.

Educação para o Empreendedorismo é:	Educação para o Empreendedorismo não é:
-Ensino transversal para a vida;	-Ensino de gestão Empresarial;
-Centrado na ação;	-Centrados nos saberes;
-Focalizados nos processos e nos resultados;	-Focalizados nas tarefas;
-Coerentes e constante;	-Esporádicos e inconsistentes;
-Integrado Multidisciplinarmente;	-Isolado disciplinarmente;
-Contextualizado	-Descontextualizados;

Fonte: Ministério da Educação. DGIDC (2006:19) Adaptado por Teixeira (2012: 36)

Para que o ensino de empreendedorismo seja eficiente, é necessário que as Instituições escolares optem por uma forma diferente de olhar para o meio envolvente.

Os professores que acreditam na descoberta de oportunidades têm como objetivo no ensinamento dos seus alunos, o de planear com vista à liderança estratégica, de forma a prever a procura no mercado, e analisar os possíveis concorrentes isso dá uma capacidade enorme do empreendedor mitigar o risco, por isso acaba ser uma grande habilidade para o futuro empreendedor (Jorgense, Moberg e Vestergaard, 2012:34).

Desta forma, podemos colocar a seguinte pergunta: O que necessita os estudantes, para serem independentes? É de grande importância para obter ideias, precisa-se o papel das instituições escolares, já que o cidadão, para ser independente, precisa de uma cultura que pode ser fomentado por instituições que tenham domínio de interdisciplinaridade. Deste modo, Ferreira (2014) acredita que a educação para o empreendedorismo moderno enfrenta vários desafios.

A visão holística do empreendedor está envolvido num contexto onde consegue explorar as oportunidades oferecidas pelo mercado, por sua vez é necessário recursos financeiros e outros, e outros agentes na realização de projetos em grupos, em oposição

dos projetos individuais apresentam probabilidades de fracasso, esta relação podemos chamar de ecossistemas de empreendedor.

As pedagogias de forma empreendedora preparam as pessoas para enfrentarem uma economia turbulenta, com grau elevado de incerteza, acarretam consigo algumas mudanças nos métodos usados na educação. Se quisermos que as pessoas venham participar na sociedade, nada melhor que lhes propor métodos voltados para esse contexto. Drucker (2006) clarificou demonstrando que o empreendedorismo não é arte nem ciência, é uma forma prática e é uma disciplina que pode ser ensinada de forma a garantir um espírito de empreendedor.

Por esta via compete aos educadores criarem um ambiente de aprendizagem capaz de favorecer a ação empreendedora e promover as atividades sujeitas à transformação das pessoas. Assim, afirma Taru *et al.* (2013), a educação, em última instância, é um projeto pessoal. Nesse sentido, a forma de traçar as linhas orientadoras devem ter em conta a incerteza que futuro apresenta.

O crescimento económico face à importância atribuída ao empreendedorismo nas sociedades contemporâneas ganha viabilidade. Tendo em conta a visão de Wennekers e Thurik (1999), o empreendedorismo na comunidade científica, política e empresarial, passa a ser encarado como um dos principais agentes de crescimento e desenvolvimento económico (Mendes, 2007).

1.4.2As principais normas para uma educação empreendedora

A educação empreendedora permite o desenvolvimento, quer económico, quer social, de uma sociedade. Segundo o Plano Nacional de Desenvolvimento de Angola, PND (2012-2013), sobre as medidas políticas recomenda:

- Estruturar e apoiar a entrada em funcionamento das escolas do empreendedor;
- Melhorar as condições de produtividades e rendibilidade do tecido empresarial angolano, dotando-o, de forma progressiva, de empresários gestores e quadros nacionais, qualificados e motivados;
- Introduzir conteúdos de empreendedorismo nos programas curriculares dos diversos níveis de ensino». (PND, de Angola 2012-2013:71)

A ideia segundo a qual os empreendedores têm um menor nível de formação, tende a ser descredibilizado, pelo facto de existirem números consideráveis de empreendedores a recorrerem a formações específicas, sobretudo aqueles que abraçarão o empreendedorismo como opção de carreira para gerir melhor os problemas que os empreendedores enfrentam. Deste modo, pode-se considerar a importância da formação por parte dos empreendedores (Ferreira, 2010:47).

Contudo, de acordo com Westover *et all.* (2010), o consórcio dos Estados Unidos da América desenvolveu 403 padrões de conteúdos agrupados em 15 que serão descritos em três secções no quadro abaixo, começando por competência empresarial, habilidades e funções de negócios. Neste âmbito, os padrões de conteúdo podem ser entendidos como uma espécie de caixa de ferramenta abrangente, incluída no negócio e conhecimento económico, bem como competências pessoais éticas, por isso, eles são direcionados para um nível de ensino específico

Tabela 3 – Principais padrões distribuídas em três secções

Habilidades empresariais	Preparação de habilidades	Funções de Negócios
<p>Processos empresariais: Descoberta desenvolvimento, na mobilização de recursos atualização e realização e colheita.</p> <p>Traços empresariais/ comportamento: Liderança avaliação pessoal e Gestão.</p>	<p>Criação de Negócios: Conceitos de Negócio e atividades de Negócios.</p> <p>Comunicação e Habilidades interpessoal.</p> <p>Habilidades digitais</p> <p>Económicos: Conceitos básicos de custo e lucros. Relacionamentos de indicadores económicos/ evolução sistemas económico, conceitos internacionais.</p> <p>Literatura financeira: noções básicas de dinheiros, serviços financeiros, gestão de dinheiro pessoal.</p> <p>Desenvolvimento profissional: planeamento de carreira, habilidades olhando no trabalho.</p>	<p>Financeiro</p> <p>Gestão</p> <p>Gestão de recursos humanos</p> <p>Gestão de informação</p> <p>Gestão de marketing</p> <p>Gestão de operações</p> <p>Gestão de risco</p> <p>Gestão estratégica</p>

Fonte: Adaptado de (Westover *et all*, 2010:8)

1.5 Ensino Superior e Empreendedorismo

A ligação do Ensino Superior ao empreendedorismo numa sociedade deve ser analisada como contribuição para a solução dos problemas da mesma, com o intuito de minimizar o risco, dos recém formados em que estão expostos. Contudo, Malcata (2001:44) afirma

que a primeira missão do ensino superior, com cariz profissional, é a de estimular os jovens a fazerem, pelo menos, o melhor que são capazes.

Considerando que universidades são instituições voltadas para a investigação científica, uma parte da produção do conhecimento devia estar direcionado para as empresas, pelo facto, de produzirem riqueza para a sociedade.

Qualquer país, numa economia turbulenta, onde a introdução de novas práticas é indispensável, encaminhar para o desenvolvimento é o caminho ideal. Drucker (2013: 348) afirma que «a inovação e o empreendedorismo são tão necessários na sociedade como na economia, nas instituições públicas e nas empresas». Por esta razão, faz sentido que academia desenvolva práticas visíveis para as sociedades, tal como afirma Gaspar (2010:246). É de forma vital «para que o empreendedorismo se desenvolva, que a academia introduza o tema nos programas da educação e utilize metodologias adequadas, nos diversos níveis de ensino. Contudo, num país a forma como as instituições de ensino desempenham as suas funções é determinante para o desenvolvimento económico, que pode ser alcançado de maneira duradoura por via da inovação.

Tabela 4 – Diferença do foco entre o negócio tradicional e empreendedor

MBA Tradicional/ currículos dos negócios	MBA para o desenvolvimento empresa/ currículos empreendedor
Abordagem baseada no curso; Abordagem compartimentada.	Abordagem integrada, entendimento dos impactos nas tomadas de decisão ao longo das disciplinas.
Focos no ensinamento das várias teorias dos negócios.	Foco no ensinamento de aspetos mais práticos relacionados com a administração dos negócios.
Cursos distribuídos em grandes pacotes conhecimento.	Primeiro ano do currículo dado em módulos com uma abordagem faseada desde o start-up ao crescimento e a fases de revitalização.
Foco na memorização de teorias para examinação.	Foco no conhecimento integrado para uso prático com os clientes.
Objetivos é desenvolver graduados que sejam gestores intermédios na sua área de especialização	O objetivo é desenvolver graduados menos preocupados com áreas de especialização mas mais motivados para serem líderes inovadores que têm um entendimento mais vasto da administração nos negócios.

Fonte: adaptados de McNeil (2004) *in* Sarkar (2014)

Por isso, através da educação se transferem várias competências, seria entre escolas e empresas com realce para as mudanças significativas na formação e articulando participação dos empresários, organizações sem fins lucrativos na elaboração do currículo adequado para um ensino adaptado à realidade da sociedade. Por esta via, entende-se que a investigação académica poderá auxiliar as empresas na penetração do mercado (Sarkar, 2014:108).

Nogueira e Ramos (2013:230) afirmam que alguns países, tais como Portugal, que começou a lecionar o empreendedorismo em 2002, e os Estados Unidos da América, em 1982, defendem que as universidades podem ter grande trabalho e papel fundamental de uma cultura de empreendedorismo, prepararem os futuros empreendedores para investir e inovar na criação de PMEs.

Bruxelas, em 2006, através da Comissão das Comunidades Europeias declara que as universidades e os institutos técnicos devem incorporar o empreendedorismo como elemento importante dos currículos, repartidos por várias disciplinas, e exigir ou encorajar a participação em cursos de empreendedorismo.

Ao nível universitário, a educação para o empreendedorismo permite adquirir formação específica sobre como criar e gerir uma empresa, incentiva e apoia as ideias de negócio dos estudantes (Bruxelas 2006).

De um modo geral, o ensino superior é fortemente descentralizado, mas existem alguns exemplos de estratégias nacionais de promoção do empreendedorismo no ensino superior, geralmente resultantes de uma cooperação entre o estado e as universidades.

O empreendedorismo continua a ser essencialmente uma matéria facultativa e é geralmente proposto como disciplina autónoma. Para a Comissão das Comunidades Europeias, as universidades devem integrar o empreendedorismo em diversas matérias dos seus programas de estudos, uma vez que podem conferir valor acrescentado a todos os cursos e não somente para as áreas das ciências económicas.

O comportamento empreendedor é necessário em todas as instituições e universidades. E para que isso aconteça deve-se criar um ambiente favorável. Os estabelecimentos de ensino superior essencialmente devem procurar oferecer um ambiente favorável aos alunos e futuros empreendedores.

Já em Angola só agora se começa a dar alguns sinais em alguns estabelecimentos escolar. Segundo Moreira e Mata-Barata (2001:125), os sujeitos ativos da mudança podem ser as empresas públicas e privadas comparando com Estados Unidos que as universidades dão ênfase em pequenas empresas, pelo facto de as mesmas fomentarem a mudança.

O ensino do empreendedorismo na maior parte das vezes é lecionado como disciplina nas áreas das ciências económicas. Com o aparecimento da economia do conhecimento e a revolução tecnológica, quem deve encarregar-se na tarefa de fomentar as novas práticas de aprendizagens, de modo a suprir as necessidades da comunidade?

Dada à importância crescente no interesse pelo Ensino Superior, podemos contextualizar a algumas definições difundidas pelos órgãos de comunicação social, estudantes, investigadores e autores, admitindo que existem várias definições interessantes sobre universidade, talvez a mais considerada é dos autores Moreira e Barata-Moura (2001:95):

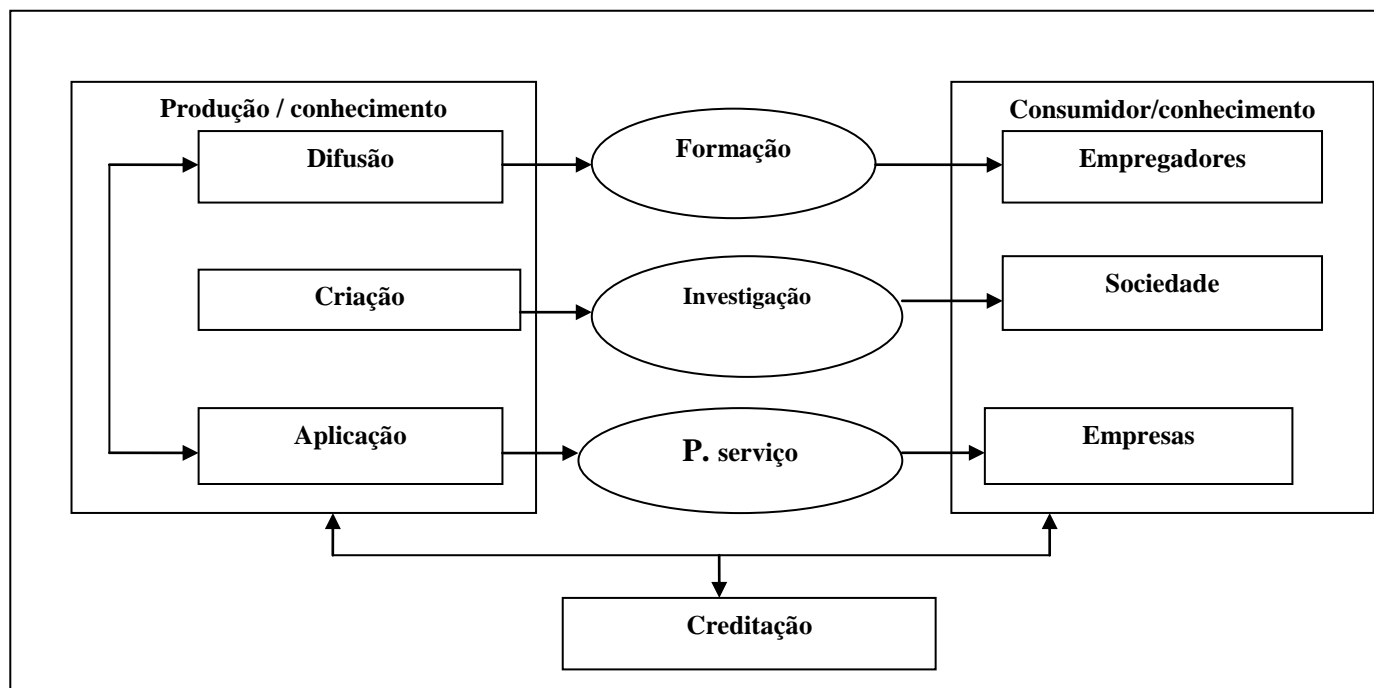
Universidade é um sistema complexo e adaptativo constituído por comunidades de agentes (Professores, Alunos), em interação contínua e com o ambiente circundante (campus, empregadores, "mundo real"), destinada a fornecer um serviço de qualidade, eficiência e eficácia reconhecidas.

Na visão de Sarkar (2014:102) que acredita que as Universidades tradicionalmente ensinam os discentes «como pensar» e não em «como fazer dinheiro». Assim, o currículo de gestão muitas vezes está formado para gerir empresa, não como as criar, porém, não podemos encarar a universidade como um negócio e os estudantes os clientes, mas proporcionar-lhes competências suficientes para enfrentarem a vida criando e inovando.

De acordo com Moreira e Barata-Moura (2001:79), os três objetivos da universidade, por estar vocacionada para produzir novo saber (investigação), para outros ela centra-se em preparar novas elites (ensino/formação). Outra visão ainda é a responsabilidade social da universidade de resolver problemas enfrentados pela comunidade. Nogueira e Ramo (2013:81) salientam que, para promover um país inovador e empreendedor, é preciso reduzir as barreiras e apostar num bom sistema de ensino, bem como o estímulo de uma cultura de empreendedorismo e iniciativa.

TARU *et al.* (2013) defendem que as universidades em alguns países do mundo não estão orientadas para o mercado, daí que os estudantes, professores, pesquisadores, administradores académicos destes países ensinam realidades desajustadas com a globalização. No entanto, apesar da existência abundante de literatura sobre educação para o mercado não tem havido pouco interesse em transmitir a informação.

Deste modo, podemos afirmar que a competência da universidade consiste em produzir, difundir, criar, aplicar conhecimento, para o consumidor/comunidade.



Fontes: adaptado por Moreira e Barata-Moura (2001)

Para a UNESCO (2008), o sistema de ensino superior como «Os estabelecimentos de ensino superior e de pesquisas têm papel de vanguarda a desempenhar para diminuir a pobreza, promover a inovação das condições de aprendizagem e das pedagogias em diferentes contextos, na formação de professores e, de um modo geral, favorecer o desenvolvimento sustentável e a realização dos objetivos internacionais de desenvolvimento pela pesquisa e pelo conhecimento (UNESCO 2008).

Para ensinar as competências do empreendedorismo podemos considerar entre várias formas. Ferreira (2011) sugere a partir da pirâmide de Dubois, Rothwell (2004) começa pela orientação, conhecimento, comportamento e motivação.

1.6 Síntese da revisão da literatura

A afirmação da ciência como uma referência e até uma autoridade dependerá sempre da sua institucionalização, daí a sua necessidade de uma sólida base de aceitação social. É com base nesta aceitação generalizada que as disciplinas científicas bem como as teorias se solidificaram aos longos dos tempos. Os indivíduos reconhecem-no e valorizam muito a posse de conhecimentos científicos – são uma forma de sustentar a participação individual.

O empreendedorismo é alvo de estudos conceções e teorias por parte de muitos académicos e que tem sido alvo de destaque nos últimos dois séculos.

O termo empreendedorismo surge a partir do séc. XVII, com o economista Richard Cantillon lançando o termo empreendedorismo em 1755, designando como uma pessoa que paga um determinado preço por um produto e vendendo num preço incerto (Sarkar, 2014). Diferente de Jean-Baptiste Say (1800) ressalta o empreendedor como alguém que faz transferência de recursos no sector económico mais baixo para o sector de produtividade mais alta. Daí, o termo ganhou popularidade nos dias de hoje, porém, outra visão veio de Adam Smith que definiu empreendedores como pessoas que reagem as alterações da economia. Assim, os autores como Gaspar, Thai, Turkina e GEM nas suas definições os termos encontrados foram unânimes nas definições, criar, começar o novo negócio.

A afirmação da ciência como uma referência e até uma autoridade dependerá sempre da sua institucionalização, daí a sua necessidade de uma sólida base de aceitação social. É com base nesta aceitação generalizada que as disciplinas científicas bem como as teorias se solidificaram ao longo dos tempos. Os indivíduos reconhecem-no e valorizam muito a posse de conhecimentos científicos – são uma forma de sustentar a participação individual.

O empreendedorismo é alvo de estudos conceções e teorias por parte de muitos académicos e que tem sido alvo de destaque nos últimos dois séculos.

O termo empreendedorismo surge a partir do séc XVII, com o economista Richard Cantillon lançando o termo empreendedorismo em 1755, designando como uma pessoa que paga um determinado preço por um produto e vendendo num preço incerto (Sarkar, 2014). Diferente de Jean-Baptiste Say (1800) ressalta o empreendedor como alguém que faz transferência de recursos no sector económico mais baixo para o sector de produtividade mais alta. Daí, o termo ganhou popularidade nos dias de hoje, porém,

outra visão veio de Adam Smith que definiu empreendedores como pessoas que reagem às alterações da economia. Assim, os autores como Gaspar, Thai, Turkina e GEM nas suas definições, os termos comuns encontrados foram unânimes nas definições, criar:

Que o recurso ao empreendedorismo vem do “estado em que os indivíduos usam oportunidades positivas no mercado criando e fazendo crescer PMEs. Esta pode ser pela via social ou comercial. Sendo que no empreendedorismo social o objetivo final não seja a criação de riqueza mas sim solucionar os problemas sociais. Este tipo de empreendedorismo está virado para o segmento populacional mais carenciado em situações de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida). Em contrapartida o empreendedorismo comercial tem um foco específico que é produzir bens e serviços para o mercado e o seu foco final é o lucro.

Para além das diferenças de objetividade entre o empreendedorismo social e comercial, a que salientar que no empreendedorismo comercial há muitas probabilidades de não só haver criação de riqueza (individual e grupo) mas também de sociedade onde está inserida sair no lucro devido à criação de emprego.

Mas tal como salientado pelo GEM (2014), os indivíduos não decidem ser empreendedorismo pelo ato de heroísmo. Esta é feita como uma saída às várias situações adversas que os indivíduos passam, aproveitando as oportunidades que surgem.

Nas literaturas são várias as situações aqui identificadas que levam os indivíduos a abraçarem o caminho do empreendedorismo. Primeiramente o habitat do empreendedorismo que é nelas que estão implantadas as oportunidades. Seguidamente o motivo do indivíduo em querer ser empreendedor. Ou seja o porquê? Por necessidade, porque surgiu uma oportunidade, ou mesmo porque tem liberdade de inovar na empresa/instituição onde está inserida.

Há muitas discussões na literatura havendo clareza que o empreendedor hoje tem sido tónica tanto nas organizações como nas instituições de ensino. Os estudiosos preocupam-se a investigar o fenómeno do indivíduo que assume risco, administra, organiza um negócio. Dessa forma, considerou-se o empreendedor como alguém com ideia, produto ou serviço, tendo habilidade que assume risco inerente a negócio (Kesici, *et al* 2015). Assim, denota-se vários tipos de empreendedores como

empreendedor como estilo de vida, alguém com intuito de ter uma vida adequada, cria um negócio, o empreendedor em tempo parcial, alguém que procura no empreendedorismo como segunda fonte de rendimento, empreendedor em tempo inteiro, focam-se no desenvolvimento do negócio, empreendedor em série, pessoas que criam um negócio sendo desenvolvido, procuram expandi-lo em alguns lugares. Por isso, os empreendedores variam de acordo com as intenções de cada indivíduo. As características dos empreendedores são apontadas por Smilhikrai, Ferreira *at al.*, destacando a necessidade de ser independente, assumir riscos, autoconfiança, transformar a crise em oportunidade.

Dessa forma, o empreendedorismo para fluir da melhor maneira na sociedade, devemos analisar os fatores de fomento do empreendedorismo começando pelo governo elaborando leis com intervenção na economia. A educação criando um sistema de ensino de formação de elevada qualidade capaz de potenciar inovadores dentro do país. Criar instituições eficazes e eficientes que impulsionem o desenvolvimento económico.

O ponto a referir é a educação empreendedora para o crescimento económico. Malcata (2001), UNESCO e OCEDE convergem no sentido de apontar a educação como fator determinante para crescimento económico e desenvolvimento nacional. Porém, com incerteza económica e ameaça de desemprego exigem práticas pedagógicas constantes ao nível de qualificação no sector da educação e aceitam decisões responsáveis que sejam capazes de transformar o processo educativo em nível de incutir competências para licenciados. Daí que Banha (2016) afirma que os professores poderão ser o fator decisivo nessa era da criatividade que se aproxima. E a aprendizagem entendemo-la como um processo pelo qual modifica uma atividade na sequência de reações às situações do meio envolvente.

No que diz respeito ao papel da universidade, atualmente Shih *et al.* (2016) refere que o papel pode ser uma função desempenhada por alguém, ou descrição que alguém faz. Isso indica que uma universidade pode desempenhar um papel na sociedade de mudar o rumo da sociedade. Certa responsabilidade caberá às instituições de ensino pelo facto de orientarem os cidadãos para o mercado de emprego. Com o aparecimento da economia do conhecimento e a revolução tecnológica, tudo visto de maneira mais desafiante, por isso a inovação é indispensável (Drucker, 2013).

Tradicionalmente as universidades ensinaram como pensar e não como fazer dinheiro (Sarkar, 2014). A universidade foi concebida para transmissão do conhecimento- ensino /formação e investigação produção de novos saberes. Não resta dúvida que o papel fundamental é resolver os problemas da sociedade.

1.7 Questões de Investigação

O empreendedorismo é muitas das vezes visto como uma forma de resolução de alguns problemas sociais. Muitas economias tendem a voltar para o empreendedorismo para solucionar questões por exemplo ligados ao desemprego, ao aumento da produção e desenvolvimento económico.

Pode-se constatar na revisão da literatura que estamos perante um processo partilhado por todas as sociedades. Todavia, em algumas sociedades esse fenómeno está em processo de expansão.

Cherubini (2008) defendeu que para que haja empreendedorismo e inovação há que haver um ambiente favorável com espaço para criação. Nesta lógica de pensamento, encontramos as intuições de ensino superior. Qual o papel das instituições de ensino superior no fomento ao empreendedorismo?

É sabido que as IES têm um papel fundamental e têm potencial para contribuir com o desenvolvimento, pois são responsáveis pela criação e capacitação de mentes do conhecimento.

No caso de Angola, estamos perante um país com um sistema de ensino superior não recente² mas onde medidas de aperfeiçoamento ainda estão a ser tomadas³.

Um dos problemas da insuficiente preparação das IES está no rácio entre os diplomados desempregados. Existem cada vez mais quadros qualificados angolanos no desemprego.

A província de Benguela enfrenta o problema de diplomados aguardando uma oportunidade de emprego. Segundo o Livro dos Formandos 2016, 1.^a e 2.^a fase, da Direcção do Gabinete de Informação Científica e Documentação da Universidade

² A universidade pública de Angola “ Universidade Agostinho Neto” remonta o período colonial (1962). Desde então tem vindo a sofrer consideráveis reestruturações. Alberga sete faculdades uma escola superior e dois institutos superiores.

³

Katyavala Bwila (UKB), em 2016 foram outorgados na província de Benguela cerca 1050 licenciados dos quais 82 são da Faculdade de Economia.

Estamos perante um problema onde os Institutos Politécnicos quase por toda província anualmente lançam no mercado um número considerável de estudantes que terminam o Ensino Superior, aguardando pelo concurso público da Administração Pública. Desta forma, as Instituições de Ensino Superior têm pouco incentivo para os estudantes traçarem o seu próprio destino, isto é, o sistema de ensino não garante que os estudantes tomem conta do seu próprio futuro de modo a serem autónomos a nível financeiro.

Trata-se, portanto, de um problema social com implicações económicas e políticas amplas e que como qualquer outro problema carece de resolução.

Na Faculdade de Economia as matérias ligadas à criação de empresa são abordadas na disciplina de Avaliação de Projeto, deixando de fora a disciplina de Empreendedorismo que podia servir de ajuda na criatividade de forma a identificar oportunidades de negócios adequado à sociedade, em que o estudante está inserido. Porém, se olharmos para algumas escolas do município está ser ministrada em algumas escolas do primeiro e segundo ciclo a matéria de empreendedorismo por professores que não tiveram a mesma disciplina na sua formação. Atualmente a maior parte dos professores que leciona esta disciplina, participam periodicamente em alguns seminários e outros guiam-se pelos manuais, desconhecendo as linhas gerais dos métodos próprios de ensino da mesma disciplina.

Do problema nasce a seguinte questão?

Como A Faculdade de Economia da Universidade Katyavala Bwila pode contribuir para o fomento do empreendedorismo na província de Benguela?

Para dar resposta a essa questão, objetiva-se saber como os benguelenses:

1. Como caracterizam o empreendedorismo?
2. Como classificariam o empreendedorismo em Benguela. O que leva os cidadãos a seguirem a via do empreendedorismo?
3. Como a UKB pode motivar/ajudar os estudantes ou a sociedade em geral a serem empreendedoras?

4. Como avaliar o desempenho e a qualidade dos recém formados da Faculdade de Economia de UKB?
5. Como se tornar num potencial empreendedor?

CAPÍTULO II- EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO EM ANGOLA

Conceber o território província de Benguela como objeto de estudo pressupõe antes de tudo conhecer a sua realidade económica e social.

Nessa perspetiva, o capítulo que se segue centra-se numa apresentação / caracterização económica e social de Angola, mais concretamente de Benguela, no que toca ao empreendedorismo.

2.1 Empreendedorismo em Angola – Breve Caracterização

O empreendedorismo hoje é um fenómeno global, no qual diversas instituições de ensino público e privado, e até o governo, têm investido para pesquisar e incentivar.

Esta forma de inovar é tida como uma oportunidade de os países se desenvolverem inovarem e combater o desemprego, promovendo o autoemprego. A riqueza gerada pelos empreendedores não é uma riqueza pessoal, uma vez que contribui para a melhoria da qualidade de vida da população.

Em Angola, o empreendedorismo como conceito e como prática de procura de alternativas ao emprego ainda é recente. Os dados do GEM – Angola 2010⁴, assim o demonstram. Angola registou, em 2010, uma Taxa de empreendedorismo (TEA) de 31,9%, o que significa que existem cerca de 32 empreendedores early-stage (indivíduos envolvidos em start-ups ou na gestão de novos negócios), por cada 100 indivíduos em idade adulta. (GEM 2010). Foi considerada a 5.^a mais alta do universo de estudos da GEM e a 5.^a mais alta das economias orientadas por fatores de produção.

A percentagem de empreendedores angolanos, com novos negócios, entre 3 meses e 3.5 anos é de 32.2% da população adulta angolana, sendo que 78.6% dos empreendedores estão nos negócios direcionados para o consumidor final, como o retalhista, bares, restauração, alojamento, saúde, educação e lazer, entre outros. Seguem-se, depois, o sector da transformação (12,8%), o sector orientado ao cliente organizacional (7,1%), e,

⁴ Resultados do estudo GEM Angola 2010 provêm maioritariamente da Sondagem à População Adulta. As principais conclusões relativas a esta dimensão encontram-se seguidamente apresentadas no Relatório. http://www.spi.pt/UserFiles/File/Documentos/66/GEM_Angola2010.pdf

por último, o sector extrativo, com apenas 1,5% (cf. figura 3). Em relação ao género, 32.9% da população masculina são novos empreendedores, e 31 % representa a proporção do sexo feminino empreendedora. Em termos de motivação para se tornarem empreendedores, 42.3% dos inqueridos advém da necessidade destes em criarem o autoemprego, ou motivados pelo aumento dos seus rendimentos. A maioria dos empreendedores angolanos tem consciência de que os seus clientes não consideram os seus produtos novos ou desconhecidos (GEM – Angola, 2010).

Figura 3: Distribuição dos empreendedores angolanos por sector de atividade



Fonte: Elaborado a partir do Relatório GEM – Angola, 2010.

2.2 Condições Estruturais de Fomento ao Empreendedorismo em Angola (GEM – 2010)

Objetiva-se aqui compreender o efeito de determinadas condições estruturais empreendedoras na oportunidade de contexto em criar novos negócios em Angola.

As condições estruturais do empreendedorismo são importantes aquando da tentativa de se perceber o empreendedorismo num país na medida em que este é construído não somente em torno de uma ideia, mas também em torno de uma rede de ligações, que GEM 2010 classificou como condições estruturais ao empreendedorismo.

As condições estruturais ao empreendedorismo são uma forma de analisar quais as condições que o país oferece para os indivíduos que pretendem seguir a via

empreendedora. Foram identificados nove (9) fatores que geraram as condições estruturais do empreendedorismo em Angola⁵:

1. **Apoio financeiro** – O apoio financeiro analisa o acesso e a transferência de financiamento para empresas novas, classificadas como bolsas e subsídios. No caso específico angolano, aquando do estudo da GEM, estes classificam o apoio financeiro às atividades empreendedoras como insuficiente.
2. **Políticas governamentais** – Esta condição estrutural identifica a forma como o governo através de impostos, regulamentações, apoia o empreendedorismo. De que forma estas políticas incentivam o empreendedorismo em Angola?

De acordo com o relatório da GEM, os especialistas angolanos participantes do estudo, consideram que as políticas governamentais de apoio ao empreendedorismo são parcialmente insuficientes. A classificação como insuficiente deve-se ao fato de estes destacarem pela negativa a obtenção de licenças, bem como a existência de burocracias que é apontada por vários especialistas como um dos principais obstáculos no empreendedorismo.

3. **Programas governamentais** – Os programas governamentais⁶ analisam a existência de programas governamentais que apoiam e incentivam o empreendedorismo. Os programas governamentais para um ano em estudo (GEM 2010) também foram classificados como parcialmente insuficientes. Uma vez que maior parte das vezes, a acessibilidade aos programas por parte das empresas que precisam não acontece.
4. **Transferência de Investigação e Desenvolvimento (I&D)** – A transferência de I&D é uma outra condição estrutural do empreendedorismo, que está relacionada com o impacto da I&D na criação de novas oportunidades de negócio que possam ser utilizadas por novas empresas. No estudo realizado em Angola observa-se que, o facto de as empresas novas e em crescimento terem

⁵ “Os resultados do estudo GEM Angola 2010 têm como principal fonte a Sondagem a Especialistas e contemplam os 9 fatores analisados através de uma escala de “Insuficiente” a “Suficiente””

⁶ Conjunto das principais orientações políticas e as medidas a adotar ou a propor para governar

acesso à investigação e tecnologia igual ao das empresas já estabelecidas, é caracterizado como um aspeto negativo.

Por outro lado, os apoios disponíveis para engenheiros e cientistas no que respeita à comercialização das suas ideias através de novas empresas são apontados como insuficientes, constituindo o aspecto mais negativo.

5. **Educação e formação** – A educação e a formação são uma condição estrutural importante ligada à educação e formação que analisa o grau de incorporação de conteúdos sobre o empreendedorismo nos diferentes níveis do sistema educativo, bem como o impacto da educação e formação no empreendedorismo.

Em Angola e de acordo com o GEM (2010), “Os especialistas angolanos consideram que o contributo do sistema de educação e formação para o fomento do empreendedorismo é parcialmente insuficiente (GEM 2010). Os resultados são desfavoráveis tanto a nível do ensino como primário. É ainda importante salientar que alguns dos especialistas inquiridos consideram que a falta de qualificação da população angolana (nomeadamente em áreas ligadas à prática empresarial) é um dos principais obstáculos ao empreendedorismo no País.

6. **Normas culturais e sociais** – Esta condição estrutural do empreendedorismo analisa a extensão em que as normas sociais e culturais vigentes encorajam ou desencorajam ações individuais relacionadas com o empreendedorismo, assim como o grau de aceitação geral do empreendedorismo.

De acordo com o relatório da GEM 2010, as normas culturais e sociais foram a condição estrutural que obteve uma apreciação mais positiva. De acordo com os especialistas angolanos, a cultura do País estimula a atividade empreendedora de forma nem suficiente nem insuficiente. Neste panorama, o estímulo da auto-suficiência, da autonomia e da iniciativa individual é o aspecto mais favorável.

7. **Acessos a infra-estruturas físicas** – As infra-estruturas e o acesso a elas, condiciona e muito a promoção do empreendedorismo, na medida em que integram o acesso a comunicações, utilidades, transportes, matérias-primas e recursos naturais vantajosos ao fomento do empreendedorismo.

8. **Abertura do mercado/barreiras à entrada** – Esta condição estrutural analisa em que medida os acordos comerciais são difíceis de modificar, impedindo que as empresas novas e em crescimento compitam e vão substituindo os seus fornecedores e consultores. Esta condição estrutural analisa também a transparência do mercado e as políticas governamentais que estimulam a abertura do mesmo e o nível de competitividade das empresas.

Estamos também perante uma condição estrutural que, de acordo com o relatório da GEM 2010, foi classificado como insuficiente.

9. **Infraestruturas comercial e profissional** – Esta condição estrutural analisa os serviços comerciais, de contabilidade e outros serviços jurídicos e institucionais, assim como a forma como estes intervêm na promoção e criação de novos negócios.

Esta estrutura foi classificada pelos especialistas como parcialmente insuficiente em Angola.

De uma forma geral através do relatório da GEM 2010, observa-se que na totalidade dos inqueridos, as condições estruturais impulsionadores do empreendedorismo não são suficientes em Angola.

2.3 Empreendedorismo no Desenvolvimento Económico de Angola

O desenvolvimento de um país depende dos investimentos no homem, «os recursos primários de cada país serão as competências e os discernimentos dos seus cidadãos» afirma Hargreaves (1998:59).

Já desenvolvimento é uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente

J. Schumpeter (*apud* Neves, 2013:545) acrescenta que o desenvolvimento económico é um assunto multidisciplinar na medida em que vários ramos da ciência tratam do mesmo assunto. Se olharmos pelos pequenos países que não têm recursos como petróleo, optaram por investir no homem dando-lhe ferramenta que lhe permita caminhar por si só (Moreira *et al* 2001:23). Quem partilha da mesma opinião é Drucker

(2013:313) afirmando que conhecimento está sempre personificado, é transportado por uma pessoa, ensinado e transmitido por uma pessoa.

Angola apresenta-se hoje ao mundo como um dos países de África com maior potencial de desenvolvimento. Apesar dos grandes esforços, Angola ainda é um país com uma economia muito instável mas com grandes potencialidades de desenvolvimento. É um país com uma excelente localização geográfica e com uma grande produção em termos de matéria-prima natural.

A sua economia apresentou valores de crescimento. De acordo com o relatório “*Global Economic Prospects*”, realizado em Janeiro de 2017 pelo Banco Mundial (BM 2017). Angola até 2014 teve um crescimento económico em torno de 5.4% em PIB real. Mas não se tem observado essa tendência de crescimento nos últimos três anos como se pode observar na tabela a seguir.

Tabela 5: Evolução do PIB Real de Angola 2014-2018

PIB Real	2014	2015	2016	2017	2018
			Estimativas	Projeções	
Angola	5.4	3.0	0.4	1.2	0.9

Fonte: Elaborado do Relatório *Global Economic Prospects* do BM

A produção de diamantes, a segunda maior exportação do país, cresceu rapidamente até 2006, quando o volume de produção atingiu 9,2 milhões de quilates. Desde então, a produção tem oscilado entre 8,2 e 9,2 milhões de quilates, com um aumento de 4%, atingindo os 9 milhões de quilates. O país tem ainda grande potencial para expandir as atividades mineiras, uma vez que apenas 40% dos recursos minerais de Angola são conhecidos. (BM 2016). De acordo com o GEM (2014), a economia angolana nesse ano era uma economia impulsionada por fatores, onde 75.1% da população vêm no empreendedorismo como uma boa escolha de carreira.

O Facto de estarmos perante um país produtor de petróleo faz com que o investimento no capital humano seja extremamente fraco.

Uma vez que o petróleo é um recurso não renovável e se os excedentes vindos deste recurso não forem investidos nos recursos humanos, quando a fonte secar vai escapar a elite que na altura do preço em alta os mesmos depositaram fora do país, e vão recorrer a tais países para viverem (Moreira *et al.* 2001:23). Os países desenvolvidos produtores

de petróleo sabem desde sempre que o único recurso é o homem e o seu desenvolvimento depende da contribuição dos seus cidadãos para a evolução da sua economia e a promoção de uma distribuição justa daquilo que consegue produzir e vender aos outros. Assim, o desenvolvimento a longo prazo só é capaz com investimento nos recursos humanos que dependa dos seus níveis de educação e formação (Moreira *et al* 2001:23).

Uma economia é capaz de ser desenvolvida a partir da concorrência, inovação, e os motores do desenvolvimento podem ser o capital que aumenta a produtividade económica traduzindo o fenómeno económico. O mercado e a liberdade de mercado proporcionam às relações económicas com o exterior, que podem ser elementos fundamentais do desenvolvimento. A técnica é considerada como o grande motor de desenvolvimento. Por fim, a criatividade é o elemento fundamental de qualquer processo desenvolvimento do ser humano (Neves 2013).

Por isso, os estudos dos relatórios da Angola GEM (2012:9-10) consideram as diferentes fases de desenvolvimento económico classificando por país participante como:

Tabela 6 - Economias orientadas por : Produção, Eficiência e Inovação

Orientações económicas	Países
Empreendedorismo em economias orientadas por fatores de produção	Angola, Argélia, Botswana, Egipto, Gana, Índia, Irão, Malawi, Nigéria, Palestina, Paquistão, Uganda e Zâmbia
Empreendedorismo, economias orientada para eficiência	África do Sul, Argentina, Barbados, Bósnia, Herzegovina, Brasil, Chile China, Colômbia, Costa Rica, Croácia, El Salvador, Equador Estónia, Hungria, Jamaica, Letónia, Lituânia, Macedónia, Malásia, México, Namíbia, Panamá, Peru, Polónia, Roménia, Rússia, Tailândia Trinidad, e Tobago e Tunísia, Turquia e Uruguai.
Empreendedorismo, economias orientadas para inovação	Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Grécia, Holanda Irlanda, Israel, Itália, Japão, Noruega, Portugal, República da Coreia, Reino Unido, Singapura, Suécia, Suíça, e Taiwan

Fonte: adaptado de GEM (2012:9-10)

A economia de Angola na sua relação com o empreendedorismo aparece como um país orientado por uma economia produtiva. Sendo que é um país de produção em escala de

matérias-primas como o petróleo, não consta como país com um empreendedorismo onde se valoriza a eficiência do capital humano.

Malcata (2001:128) caracteriza a economia de Angola como um *know-how* tecnológico. Traduz-se muito numa formação de especialista, e pouco de equipas e praticamente nada em termos de proteção de propriedade intelectual. Uma vez que o futuro é imprevisível para respondermos os desafios do futuro à engenharia e tecnologia, desempenham um papel importante nas estratégias empresariais (SPND, 2012:82).

Em Angola, as políticas de desenvolvimento territorial têm como objetivo estratégico, para esse domínio, criar um território mais equilibrado, dinâmico e competitivo, que seja um fator de integração do mercado nacional, valorizando o potencial de cada área, para o reforço da economia e do desenvolvimento nacional.

De acordo com UNESCO (2008:4), o desenvolvimento de um país resulta do nível de instrução e de competências da sua população. Consequentemente há uma necessidade urgente de Angola investir no desenvolvimento de todos os sectores no país, apostando na eficiência empresarial, no bem-estar da população (saúde saneamento educação habitação) aumentando o crescimento económico.

Para Aristides Lemba (2016), o empreendedorismo em Angola tem crescido, e isso é resultante das políticas que tem favorecido os negócios e possibilidades de criação de novas empresas.

2.3.1 As políticas angolanas de incentivo ao empreendedorismo

O empreendedorismo deve ser introduzido na sociedade empresarial angolana como forma de fomento e de crescimento económico. O ensino deste nas universidades é uma forma de enriquecer a sociedade, capacitando os seus recursos humanos. O empreendedorismo é essencial nas sociedades. É através deste que as empresas buscam a inovação e preocupam-se em transformar conhecimentos em novos produtos, permitem assim uma inovação no mercado, de forma a cativar o público-alvo. Esta visão de difusão da ciência tecnológica e inovação e estímulo ao empreendedorismo construindo uma sociedade baseada no conhecimento é defendida pelo Governo angolano.

O primeiro passo data de 1994 quando o Governo, através do Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social, aprovou os programas de iniciativas ao emprego e o de apoio ao empreendedorismo, ou seja, à criação de PMSs. Apesar dos esforços demonstrados, o programa não foi positivo devido à situação de destruição do país.

Em 1996, uma nova tentativa de implemento do empreendedorismo. O programa de fomento ao auto-emprego nas comunidades locais foi criado. Tinha como público-alvo jovens empreendedores à procura do primeiro emprego, associações, ONGs, PMEs.

Em 2011, através do Decreto-Lei n.º 30/11 Propõe que o ensino no país deve: que o ensino no país deve:

- a) *incluir nos programas curriculares das instituições de ensino público, matérias ligadas ao empreendedorismo;*
- b) *incentivar os institutos profissionais e universidades a incluírem nos seus programas curriculares, matérias ligadas ao empreendedorismo".*

A situação do empreendedorismo não se cinge em leis promulgadas pelo Estado, também passa por vários estudos como mostra o relatório da GEM 2014 em relação à evolução de alguns países no que toca às suas intenções empreendedoras (GEM- 2014).

Tabela 7: Evolução de Angola nas “Atitudes em relação a intenção Empreendedora”

Contexto	Intenção Empreendedora
Angola 2014	44,7
Angola 2013	47,0
África do Sul	11,8
Botswana	66,0
Burkina Faso	48,5
Camarões	57,7
Uganda	58,6
Africa Subsariana	47,9
Economia voltada por factores de Produção	43,2
Economia para fatores de eficiências	25,1
Economia para factores de inovação	14,8

Fonte: adaptado de (GEM-Angola2014:18),

No relatório de GEM- Angola 2014, podemos observar na tabela 6 que Angola, em termos de posicionamento na posição das suas intenções para com o empreendedorismo, está abaixo dos outros países-alvo do estudo, excepto da África do Sul.

Sendo Angola um país voltado para a produção de matérias-primas, o facto de 44.7 dos entrevistados no GEM declararem a intenção de investir no empreendedorismo já é um facto positivo.

É uma declaração de iniciativa da população em investirem na inovação da produtividade angolana impulsionando o investimento no capital humano.

Para além disso várias outras iniciativas têm sido tomadas no intuito de promover o empreendedorismo em Angola. Foi o caso da aprovação do programa “Educação Empresarial no Ensino Secundário em Angola” pelo Ministério da Educação. Este documento de projeto descreve a assistência técnica da ONUDI para a implementação do programa nacional a fim de desenvolver e introduzir programas de educação empresarial nas escolas secundárias.

Apesar de ainda ser um programa a ser aplicado somente nas escolas secundárias já é um começo para fomentar o empreendedorismo na sociedade.

2.3.1 Políticas de empreendedorismo na província de Benguela

Benguela é uma das províncias angolanas, situada no oeste de Angola. Tem aproximadamente 2.100 Km² e cerca de 513441 habitantes segundo o censo de 2014. É a segunda maior cidade de Angola.

A província de Benguela nos últimos anos apresentou uma economia bastante dinâmica. Está a passar por uma fase de grandes alterações na sua economia facilitando a entrada e permanência de investidores nacionais e estrangeiros, com uma mobilidade facilitada, com a criação de caminho-de-ferro e aeroportos.

No que toca ao empreendedorismo em Benguela existem alguns projetos do Governo voltado para criação de pequenos negócios.

O Governo angolano nos últimos anos tem investido seriamente na província de Benguela. Para além dos já mencionados feitos pelo Governo na área dos transportes, o empreendedorismo e a criação de oportunidades de negócio é uma oportunidade que Angola tem atribuído aos residentes de Benguela. A criação do auto-emprego e fomento da economia é um dos objetivos em Benguela.

Foram criados em 2012 alguns centros de formação para o empreendedor, de acordo com alguns testemunhos de pessoas que já participaram nas formações verificou-se que dão mais ênfase ao plano de negócios e desconhece a ferramenta do Modelo de Negócio Canas.⁷ Ainda assim, alguns formando recorrem a estes centros mesmo sem aprender o desejado fazem-no para terem um certificado que lhe possibilita, posteriormente na fase do início dos investimentos de projetos alguns sem viabilidade ou de alto risco serem prioritários. Assim, mesmo pela experiência que temos, alguns receberam os fundos dando-lhe outros fins. Estes fundos não foram aplicados nos projetos, pelo que as pessoas recorrem à formação para serem credenciados de forma a serem privilegiados recebendo dinheiro (no valor até 500.000 Mil kwanzas equivalente aproximadamente à 4000.000 Euros) financiado pelo Balcão Bué que, como exemplo na província vizinha da Huila no mesmo projeto disponibilizou dinheiro aos empreendedores. Segundo o Jornal (Economia & Finanças, 2015,14) *o Ministro da Economia recomendou na mesma província que os empréstimos obtidos junto do Bué fossem reestruturados para mitigar incumprimentos e dar outras dinâmicas aos pequenos negócios. Neste sentido, a razão pelo qual se verifica que 19 pessoas em cada 100 beneficiaram do crédito apenas 19 estão a pagar os financiamentos, o mesmo está a acontecer em Benguela. Tal facto levou a que as Instituições do Ensino Superior com experiências de conhecimento que seria um bom parceiro na mitigação dos risco essencial aos negócios”*

Assim na província de Benguela existe o clese-centros locais empreendedorismo e serviços de emprego.

Concebido em Agosto de 2012 quando o governo angolano lançou o clese, uma instituição de serviço público vocacionada para a criação e aumento de novos postos de trabalho. O clese realiza cursos especiais desde negócios, seminários, etc., de modo a facilitar a formação de futuros empreendedores. Um dos serviços prestados é a disseminar a cultura do empreendedorismo a nível das diferentes localidades, através de palestras, programas específicos, contemplando outras temáticas conexas (segurança social, fiscalidade, etc.).

⁷ É uma ferramenta da gestão estratégico que permite desenvolver e esboçar modelos de negócios novos ou existentes.

Para frequentar um curso de empreendedorismo neste centro com carris social a formação tem um custo de 3500000 (trinta e cinco mil kwanzas) o valor que ultrapassa o salário mínimo estabelecido pelo país, mas existem período em que o mesmo centro dá cursos a custo zero. A população-alvo abrangida pela ação do CLESE, são: jovens maiores de 18 anos, Finalistas dos cursos médios e superiores, jovens Recém-licenciados e à procura do primeiro emprego.

2.4. O Ensino do Empreendedorismo em Angola

Denominado como era da informação, as mudanças e alterações de domínio tecnológico alteraram significativamente as ideias sociais, culturais e económicas no seio das sociedades. No plano económico, assistimos à mundialização, à globalização da economia que aumentou a importância paradigmas empresariais, como a concorrência, a competitividade e a produtividade. No mundo tecnológico manifestam-se novas e profundas alterações, resultados da intensificação do uso das novas tecnologias, e novas plataformas de comunicação, que alteraram significativamente a dinâmica de relação social, económica, cultural e política das sociedades.

Com essas transformações ocorreram também mudanças no plano da educação. A formação e a especialização, nomeadamente no sistema de ensino superior, vêm-se compelidas e assumidas como um como elementos centrais no processo de modernização das sociedades, promovendo a competitividade.

As intuições de ensino superior têm um papel crucial na capacitação dos recursos humanos, as condições necessárias ao desenvolvimento económico e social de um país. Na sociedade do conhecimento mínimo exigido para a formação do indivíduo é aquela que garanta a aprendizagem ao longo da vida que podemos designar como formação contínua sobretudo de índole aplicada ou técnica. Por isso, a formação universitária deve proporcionar as capacidades necessárias á população. Segundo a UNESCO (2008:3) :

"O desenvolvimento e a prosperidade económica dependem da capacidade dos países de educar todos seus habitantes e de oferecer-lhes as possibilidades de aprendizagem ao longo da vida. Uma sociedade inovadora prepara seus membros não somente para aceitar a mudança e adaptar-se a ela, como também para controlá-la e

influenciá-la. A educação enriquece as culturas, cria entendimento mútuo e sustenta as sociedades pacíficas. A UNESCO espera reafirmar que a educação deve ser concebida como direito fundamental e como elemento essencial para o desenvolvimento integral do potencial humano."

Assim, com a possibilidade uma educação de qualidade a todo o cidadão, pode se colocar o ritmo do desenvolvimento nacional ao ritmo de alguns países Europeu, junto com o princípio de igualdade a oportunidade. Por isso, a (Comissão Europeia, 2002:2 citado por Abrantes 2014:5) define competitividade como «a capacidade de proporcionar à população elevado e crescentes padrões de vida e taxas de empregabilidade de forma sustentável» Desta forma, considera-se a forma sustentável de proporcionar às populações deve-se as empresas neste sentido os três fatores de competitividade empresarial como o conhecimento, a inovação e o empreendedorismo. A utilização divulgação e aproveitamento das TICs na educação encontram-se numa fase particularmente dinâmica em África. É uma oportunidade única de inovação pública e privada, de oferta de novos e inovados serviços.

O caso de Angola e o empreendedorismo nos sistemas de ensino é, ainda, extremamente recente. Apesar de que as tentativas de familiarização com o empreendedorismo estão a ser implementadas pelo governo logo ensino secundário.

A disciplina do empreendedorismo foi implementada no sistema de ensino, com início em 2010 ao abrigo do despacho n.º 214-A/10 de 5 de Novembro pelo ministério da educação ciência e tecnologia (MECT).

As universidades enfrentam o desafio de prosseguir com o ensino e o incentivo a pratica e o aprofundamento do empreendedorismo.

O ensino superior (ES) angolano é recente. È considerado pelo Governo Angolano, como uma das principais prioridades no domínio das políticas públicas de desenvolvimento social e económico. A decisão de implementação do ES está assente na estratégia de Angola em transformar o seu capital humano, tornando-a mais eficiente e competitiva.

O ensino do empreendedorismo é uma forma de o Governo angolano e as instituições de ensino capacitarem os recursos humanos. Sendo que a formação superior ganhou mais utilidade, devido a sua importância na capacitação dos recursos humanos, ensinar

o empreendedorismo nas universidades é um caminho estratégico para realização empresarial, requalificação do mercado de trabalho, para a sobrevivência económica e satisfação pessoal.

Angola, até à data, entre universidades e faculdades, tem cerca de 29 instituições de ensino.

.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

O PAPEL DA FACULDADE DE ECONOMIA NO FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO EM BENGUELA/ANGOLA: ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA

CAPÍTULO III- ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1 .1. Método de investigação

Um método corresponde a um caminho, um meio a percorrer para obter um fim específico. Este permite distinguir o conhecimento científico de outro tipo de conhecimento.

Carvalho (1999), apresenta método como uma descorticação dos passos a serem dados para alcançar um fim. São os caminhos os passos que o investigador toma na tentativa de alcançar os objetivos inicialmente propostos. Ou seja é um conjunto de ideias selecionadas e princípios orientadores de todo o processo de investigação.

Existem dois tipos de métodos. Métodos quantitativos e qualitativos.

O método de estudo quantitativo por norma segue um plano previamente estabelecido baseado em hipóteses e variáveis que são objetos de definição operacional.

Por sua vez o método de pesquisa qualitativa acaba por seguir uma orientação que pode ser alterada durante o desenvolvimento da pesquisa. Para além disso não procura enumerar medir eventos como no método quantitativo. A investigação qualitativa procura ainda a compreensão de contextos particulares, tentando perceber o que justifica alguns comportamentos, atitudes ou convicções. O foco desta investigação é o significado veiculado pelos participantes conjugado com os seus comportamentos (Schensul, 2008).

No que concerne ao estudo em causa, optou-se por um método de pesquisa qualitativa. Tendo em conta que objetiva-se dar conhecer a opinião dos benguelenses sobre aquilo que é o empreendedorismo e a importância que este tem para a cidade, bem como o papel da educação ou no caso específico da faculdade de KBW, na promoção do empreendedorismo em Benguela.

A opção pelo método deve-se ao fato de permitir uma maior extrapolação das opiniões, uma exploração maior das ideias através de um guião de entrevistas.

3.1.2. Recolha de dados

Assim sendo e tendo em vista a análise do problema social apresentado em epígrafe foi posta em prática uma análise metodológica qualitativa. Começou-se a investigação tentando perceber a problemática – ler, ouvir, interpretar (através de documentos, teorias, estatísticas), o estado do empreendedorismo na província de Benguela, ou seja análise documental. De acordo com Moreira (2007), a recolha de dados a partir da análise documental apresenta como principais vantagens a grande utilidade nas investigações primárias.

Um dos processos mais diretos que o investigador tem à sua disposição para se apropriar de informação sobre um determinado fenómeno, consiste na formulação de perguntas aos sujeitos que, de certo modo, nele estão envolvidos. Nesta perspectiva e para o presente estudo a técnica primária para recolha de dados foi de entrevista semiestruturada.

Caracterizados como dados primários num estudo empírico, através deles os entrevistados aplicando entrevistas consegue um conjunto amplo de informações que possibilitarão um leque de conclusões.

Segundo Bogdan & Biklen (2010), “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” Anderson & Kanuka (2003) consideram a entrevista com um método único na recolha de dados, por meio do qual o investigador reúne dados, através da comunicação entre indivíduos.

Para dar seguimento as entrevistas foi elaborado um guião de entrevistas semiestruturada. A escolha dessa técnica deve-se à possibilidade de acesso à grande quantidade de informação e esclarecimento dessa mesma informação. A elaboração do guião decorreu do conjunto de trabalhos consolidados anteriormente envolvendo fases de pesquisa sobre métodos de recolha de dados e sobre utilização da mesma.

A investigação qualitativa tem na entrevista um instrumento privilegiado na recolha de dados, sendo seguramente a técnica mais utilizada na investigação social.

A amostra contemplada nesse estudo, ou amostra populacional, de residentes em Benguela com ligação próxima a faculdade de economia de UBK,. Falamos de empreendedores e estudantes.

Para o estudo, conseguimos definir amostra de acordo com os objetivos e métodos adotado para nossa investigação. É importante ressaltar que se trata de uma amostra selecionado por julgamento Vilares e Coelho (2011) “neste método, os elementos que constituem à amostra são selecionados deliberadamente pelo investigador” Foram selecionamos os indivíduos com as características típicas ou representativas da população, dado que pretendemos ter a dimensão da amostra pequena.

Para Vilares e Coelho (2011:54) “uma amostra selecionada por julgamento poderá mesmo ser mais fíável que uma amostra probabilística” daí que os respondentes foram escolhidos de forma critério, como já frisado anteriormente. Ou seja amostra é um subconjunto dos elementos de uma população (são as unidades selecionados para observação)

Para o estudo em causa, foram selecionamos professores, empreendedores, empresário e estudantes de especialidade⁸ que possuïrem informação que poderão ser extrapolados para o conjunto da população nesse caso os estudantes da Faculdade de Economia.

Nessa lógica para dar seguimento ao estudo empírico foram aplicadas sete questionários. Sendo que os participantes se distribuem da seguinte forma:

1. Um entrevistado da associação dos empresários do comité de especialidades do Partido MPLA,
2. Um entrevistado da associação dos empreendedores de Benguela
3. Um entrevistado estudante do curso de contabilidade da universidade KB
4. Um entrevistado estudante de especialidade de gestão empresarial, da universidade KB
5. Um estudante de gestão do empreendedorismo
6. Um entrevistado professor e diretor do ensino da mesma faculdade

Tabela 8: Caracterização dos entrevistados

ID*	E**1	E2	E3	E4	E5
Habilitações	Mestrado	Graduado	3ª Ano	3º Ano	Licenciatura
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino

*=Identificação ** Entrevistado

Fonte: Elaboração própria

⁸ Especialidade de Gestão de empresa e contabilidade.

Dos entrevistados em termos sociodemográficos, teve-se em consideração as questões habilitacionais e de género. Sendo que três (3) dos entrevistados são homens e dois (2) são mulheres.

Referente às habilitações literárias, os entrevistados das associações possuem formação académicas elevadas, fazendo referência em alguns são estudantes prestes a terminar as suas licenciaturas e o mestrado e para a associação dos empreendedores a graduação, o professor que respondeu a entrevista tem uma licenciatura concluída e frequenta o mestrado. Importa-nos fazer referência aos membros da associação dos empresários que respondeu à entrevista é proprietário de empresas na área da restauração, prestação de serviço, e telecomunicação móvel. O membro da associação de empreendedores que respondeu a entrevista é proprietário de uma empresa de consultoria, na área de empresa. O Professor que respondeu a entrevista teve duas empresas, atualmente falidas uma nas áreas de transportes e uma gelataria,

Neste sentido, os entrevistados estão apto em passar suas experiências aos estudantes para construção do conhecimento voltados para criação de negócios.

3.2. Tratamento de Dados

O tratamento de dados é o processo a seguir a aplicação e transcrição das entrevistas. Recolhidas as informações campo da investigação qualitativa, a interpretação e validação dos dados funda-se na atribuição de significado à informação recolhida, através do estabelecimento de relações e de configurações expressas em proposições ou modelos.

O instrumento a utilizar na maioria dos casos para tratamento de dados qualitativos, é a análise de conteúdo. A análise de conteúdo, incide sobre o discurso verbal, também conhecido como protocolos produzidos pelos sujeitos investigados. A análise de conteúdo corresponde «a uma técnica de investigação que visa a descrição objetiva significativa e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação» (Estrela, 1999:455).

O recurso a análise de conteúdo deveu-se a necessidade de tirar máximo partido de um material dito qualitativo, em oposição ao inquérito quantitativo extensivo.

A análise de conteúdo enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, Bardin (2009). Ou seja o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, aplicando um conjunto de

técnicas de análise das ditas comunicações que futuramente passam a verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos em estudo. Ou seja, depois da primeira parte que situa a análise de conteúdo no plano cronológico e epistemológico, que remete o leitor para alguns exemplos representativos daquilo que se pode pôr em prática, prossegue-se para uma análise e apresentação das principais conclusões, através de uma análise apropriada onde se possa extrair sentido dos dados de texto dos entrevistados. (Creswell, 2007, p. 194)

Nesse sentido a análise de conteúdo foi considerada o procedimento de análise mais adequado, uma vez que permite inferir a partir da procedência e análise das entrevistas.

A análise efetuada é essencialmente temática e foi utilizada uma grelha de análise, que serviu de complemento para as análises conclusivas⁹.

A análise temática está fundamentada na desestruturação da estrutura do discurso singular Demazière e Dubar, (1997, p.19) in Guerra (2006), que consiste na identificação dos temas, na construção de uma grelha de análise que decompõe ao máximo a informação singular dos entrevistados (Guerra 2006). Serão nesse caso as hipóteses/objetivos de pesquisa, as problemáticas da grelha de entrevistas, bem como a interpretação do investigador que define as dimensões de análise e a categorização das respostas.

Nesse sentido a grelha do estudo em curso foram extraídas as respetivas *dimensões de análise*, provenientes do guião de entrevista, descomposto em *unidades de registo* descrição do objeto efetuado pelos entrevistados, ou seja, as opiniões transcritas de forma singular, a qual Guerra (2006), definiu como postura restitutiva, que tem como objetivo uso da linguagem dos entrevistados, *a categorização das unidades de registo*, categorias delineadas através das respostas, e *as frequências a qual as unidades de registo se repetem* na linguagem singular dos entrevistados.

⁹ Grelha de análise em anexo 1

CAPÍTULO IV: CAMPO DE ESTUDO: UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA

4.1 Caracterização da universidade Katyavala Bwila

A UKB é uma instituição universitária da rede de instituições do ensino superior público de Angola, localizada na Região Académica II, que inclui as províncias de Benguela e Kwanza-Sul. O seu surgimento foi ditado pelo Decreto Presidencial 7/09 de 12 de Maio de 2009, que redimensiona a Universidade Agostinho Neto, a única pública existente então, e pelo Decreto nº 5/09 de 7 de Abril, que divide o país em Regiões Académicas.

Nos termos do seu Estatuto Orgânico, aprovado pelo Decreto Presidencial Nº 241/11, de 6 de Setembro, a Universidade Katyavala Bwila goza de autonomia científica, pedagógica, administrativa, financeira, disciplinar, patrimonial, vocacionada para o ensino, a investigação científica e a prestação de serviços à comunidade¹⁰.

A UKB surgiu como consequência do redimensionamento da universidade Agostinho Neto.

Na altura da instituição da UKB em Benguela, como consequência da divisão geográfica que engloba as províncias de Benguela e Kwanza-Sul, este contava com a matrícula de 202 estudantes distribuídos pelos cursos de psicologia pedagogia matemática geografia e história. Com um corpo docente constituído por 19 docentes.

Na atualidade a UKB conta com 6 unidades orgânicas nomeadamente os institutos superiores de ciências da educação de Benguela e do Sumbe, o instituto superior politécnico as faculdades de Direito, Economia, e de Medicina. Mais de 300 docentes ministram os cursos requeitados por mais de 9000 alunos.

¹⁰ <http://www.ukb.ed.ao/apresentacao.php>

4.2 Apresentação análise dos resultados

Devido à extensão da amostra, não foi possível uma extrapolação dos resultados obtidos para uma realidade mais ampla, mas através desta foi possível uma análise conclusiva da percepção que os indivíduos tem do empreendedorismo e da importância da implementação deste na faculdade de KB.

Dessa forma e tendo em conta os objetivos do estudo definidos segue-se uma análise dos resultados inerentes as entrevistas aplicadas.

I. Percepção entrevistados têm do daquilo que é o empreendedorismo e os motivos que levam estes a serem empreendedores.

Tendo em conta a relevância e importância do empreendedorismo nas sociedades contemporâneas, é para nos importante saber até que pontos os entrevistados conhecem o conceito do empreendedorismo.

Ficou claro a partir da análise das entrevistas que maior parte dos entrevistados consideram que o empreendedorismo é a capacidade de inovar e de criar novos negócios. Tal como defendido por Schumpeter (1934) que apresenta o “empreendedor como aquele que identifica as oportunidades de negócio e que desenvolve aplicações inovadoras”, também é visível no entrevistado 1 que define o empreendedorismo como a capacidade que o indivíduo tem em criar algo novo.

“O empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de criar algo novo” E1

Quanto ao E2, a uma análise daquilo que é o empreendedorismo de forma mais abrangente, conceptualizando este como uma oportunidade de “ajudar os outros”.

“Uma ideia que uma pessoa tem de criar uma empresa de modo a ter um rendimento de ajudar os outros”. Ou seja tendo em conta os conceitos apresentados em epígrafe está perante um conceito daquilo que é empreendedorismo social. Que refletem questões de responsabilidade e ética e objetivos de transformação social.

Autores como Peter Drucker defendem que a característica principal do empreendedor é a procura de oportunidades para a criação de um novo produto, tecnologia ou empresa (Drucker, 1985).

O E3 identifica-se com o conceito de Drucker. Para este o empreendedorismo está na capacidade que os indivíduos têm em criar um novo produto ou empresa.

Neste ponto é visível o peso que a capacidade de iniciativa tem para os entrevistados. O inovar o criar está na base daquilo que consideram ser o empreendedorismo.

*“..a capacidade que os indivíduos tem de criar algo de novo virado para o mundo de”
“é a capacidade de identificar oportunidade de negócios...”*

No contexto do estudo empírico e no caso particular de Benguela observa-se que há uma prevalência da ideia de que o empreendedorismo nesse município tem sido positivo.

“Pequenos negócios que os indivíduos organizam têm investimentos de valor.”

Tem sido prático, no sentido das pessoa não estudar para trabalhar para administração Pública.

Sabe-se que em muitas sociedades os diplomados após o término dos estudos e estando no processo de procura de emprego enfrentam sérios desafios derivados do consequente aumento do desemprego. O fator desemprego depois da graduação, muitas faz com que a procura do primeiro emprego seja um processo mais longo e doloroso.

Em muitos desses casos o empreendedorismo acaba por ser uma fuga ao desemprego, *situação perante o trabalho*, a pobreza ou como a situação de ou a situação de reforma no caso dos seniores com vontade de permanecerem ativos (Webster e Walker, 2005; Kautonen, 2008).

É uma ideia partilhada pelos entrevistados, na medida em que estes vêm no empreendedorismo uma saída *“Na província de Benguela as pessoas praticam mais o empreendedorismo por necessidade”...“Porque as pessoas por várias necessidades entende fazer um negócio para resolver a sua vida”*

..”é por necessidade porque as condições de vidas que as pessoas têm fazem-nos para resolver alguns problemas da vida.”

“...é por necessidade, por falta de emprego formal e outros rendimentos para a sua sobrevivência”

Os fatores de situação de vida, é por moda, um dos motivos que leva os indivíduos a procurarem uma oportunidade de empreendedorismo.

“É por necessidade, as pessoas optam por este tipo de empreendedorismo pelo facto de a sociedade não oferecer emprego e cada vez mais para entrar num concurso público é muito difícil pelo facto de ter muita gente”

Em torno dos entrevistados, há uma especulação, que os indivíduos abrem o seu próprio negócio porque na visão destes não possuem opções de trabalho, instabilidade do mercado no que toca a oferta de emprego e ainda uma forma de garantir o sustento da família.

II. Qual a perceção que os entrevistados têm do papel da faculdade de economia de UKB no fomento do empreendedorismo e desenvolvimento do município de Benguela

Alguns especialistas acreditam que a educação e, em particular, a educação sobre empreendedorismo, favorecem os níveis de empreendedorismo (European Commission, 2006). No entanto, os estudos empíricos não esclarecem as ligações entre o capital humano e o empreendedorismo (Davidsson e Honig, 2003).

Já o estudo empírico que foi levado a cabo na faculdade de Económica UKB, demonstra em larga escala que a educação é o esqueleto de todo o processo de empreendedorismo. Para estes ter acesso a informação teórico e empírico de como ser-se empreendedor é importante na concretização dos objetivos.

Com efeito verifica-se que para os entrevistados aprende-se a ser-se empreendedor na escola. Que as intuições de ensino são responsáveis pela transmissão de todo o conhecimento necessário.

“... devia ser ensinado na escola, centro de formação e no ensino básico

“...é na escola onde devem serem ensinados, porque na escola para incentivar”

“...Porque ali onde o estudante vai tomar contacto com as ferramentas principais como o plano de negócio”

“...na escola é o melhor lugar, mas existe também academia de empreendedorismo, mas na escola os alunos podem tomar contacto com o assunto”.

Para (Bruton *et al.*, 2010), o ambiente institucional e social influencia o comportamento empreendedor dos indivíduos e das organizações.

A educação empreendedora é um tema importante no seio das instituições e academias. Várias são as teorias de como a educação para o empreendedorismo pode ser um ponto de virada na criação do próprio emprego, revertendo a grave situação de desemprego

Mas como a educação ou seja o ensino do empreendedorismo é sinónimo de capacidade de ser empreendedor?

Essa questão é respondida por Mendes (2007: 288). A autora faz referência a questão de que a educação para o empreendedorismo não ensina o indivíduo a ser-se empreendedor. Ela somente oferece, «*os instrumentos necessários para alguém se tornar empreendedor*» (*ibidem*: 289).

É ainda importante promover uma estreita colaboração entre a sociedade os sistemas de ensino e as políticas de fomento ao empreendedorismo. Apesar de a educação ser importante na prática do empreendedorismo ela não é suficiente. É necessário um investimento eficaz nas políticas de fomento ao empreendedorismo.

Nesta perspectiva o governo tem um papel importante no fomento ao empreendedorismo criando formas estabelecendo parcerias, adotando mais e melhores políticas públicas na área do empreendedorismo.

Com efeito verifica-se que para os entrevistados as políticas devem ser facilitadas diminuindo as burocracias, oferecendo mais e melhores projetos que impulsionam o empreendedorismo, promovendo parcerias desenvolvendo a cultura do empreendedorismo e do financiamento.

“*Políticas governativa facilitadas*”,

“*Projetos dos governos*”, “*facilidade de concessão de créditos*” “*Mercado, a Banca, fornecedores*”, “*desenvolver uma cultura financeira.*”

A faculdade de economia de UKB em Benguela é um marco importante no desenvolvimento do Município.

Partindo do pressuposto de que os entrevistados conhecem a realidade do município e as orientações/ objetivos da faculdade, foi importante questioná-los sobre a importância da FE-UKB, no fomento do empreendedorismo e conseqüentemente no desenvolvimento económico de Benguela.

Intensamente as respostas a essa questão indica-nos que maior parte dos entrevistados consideram que a FE-UKB tem as ferramentas necessárias para fomentar o empreendedorismo em Benguela, desde que aquilo que é o empreendedorismo e os conhecimentos em torno desta sejam transmitidos de forma segura e eficaz, capacitando o corpo docente, e oferecendo as ferramentas não só teóricas, mas também práticas de como empreender. “*Passando o conhecimento de empreendedorismo de forma segura*”; “*a faculdade dá uma carga elevada de teoria mas lhe precisa a prática*”.

Embora no universo dos entrevistados haja uma grande aceitação da faculdade de economia UKB. Atribuem grande importância ao papel do ensino superior na transmissão do conhecimento e capacitação dos cidadãos. A maioria considera que o ensino superior é uma forma de criação de mentes capazes, de promover o desenvolvimento científico e crescimento económico. “Promover o conhecimento científico e por via dele o desenvolvimento”; “criar inteligências.”

Quando questionados sobre a satisfação com o desempenho dos estudantes de economia da faculdade três destes declararam como insatisfeitos. “Não, considera-se satisfeito com estudante que saírem da faculdade de economia pelo facto de ter uma carga teórica e e falta-lhe a prática, porque” “sentisse pouco satisfeito e pretende trabalhar por conta de outrem”

Em contrapartida o ensino do empreendedorismo é vista pelos entrevistados como uma forma de competitividade, uma vez que a contribuição das associações de empresários na aprendizagem da competitividade tem sido nula.

“...não tem contribuído para a nossa aprendizagem”; “Não, existem contribuições por parte das associações”; “...há falta de sensibilidade por parte dos empresários este é um maior problema que a faculdade de economia”; “...Não há contribuição por que nenhum membro da associação foi convidados para passar as suas experiências”; “...Não há ligação entre as empresas”

CAPÍTULO V: RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O conceito de empreendedorismo é um fenómeno que apesar de não ser recente, continua sendo objeto de uma grande atenção. Uma atenção que derivou novas concepções teóricas, novas análises aplicadas às diversas realidades e contextos, o que contribui para uma indefinição concetual daquilo que é o empreendedorismo.

Apesar desta variação naquilo que é o empreendedorismo no estudo empírico foi possível a identificação de um conjunto de características comuns entre aquilo que é defendido pelos teóricos e a percepção do empreendedorismo na ótica dos Benguelenses participantes do estudo.

A principal questão, ou questão que conduz o estudo empírico, é não mais que uma tentativa de perceber a relação que os Benguelenses têm com o empreendedorismo, mais concretamente **à Faculdade de Economia da Universidade Katyavala Bwila. Como é que a faculdade de economia da UKB, pode contribuir para o fomento do empreendedorismo na província de Benguela?**

Para dar resposta a questão primeiramente decidiu-se investigar o conceito, importância e as motivações de empreendedorismo no seio dos benguelenses.

Seguidamente questionou-se sobre o papel da UKB, no fomento do empreendedorismo em Benguela.

1. Como caracteriza o Empreendedorismo?

Maior parte dos entrevistados, caracterizam o empreendedorismo como o ato de criar e de inovar, colocar uma ideia em vigor.

É a capacidade de identificar oportunidades de negócios, analisar e identificar os pontos favoráveis e não favoráveis a criação do próprio negócio.

Apesar de alguns conceitos serem abrangentes a maior parte dos entrevistados consideram o empreendedorismo como uma capacidade intelectual do indivíduo em ter uma ideia e coloca-la em prática.

2. Como classificaria o empreendedorismo em Benguela. O que leva os cidadãos a seguirem a via do empreendedorismo?

Face a análise das respostas as questões por parte dos entrevistados, no que toca a questão 2) , estes caracterizam o empreendedorismo em Benguela como algo novo, que se encontra em vias de experimentação, a qual as pessoas falam mas que ainda não sabem como colocar em pratica. Encaram o empreendedorismo como uma via de criação de emprego na província. Para estes é uma forma prática de as pessoas ao terminarem os seus estudos não trabalharem só para outrem.

O empreendedorismo em Benguela na ótica dos entrevistados, acaba por ser uma tentativa de os indivíduos auto empregarem em vez de aguardar por uma vaga por exemplo na administração pública.

Transmite-se a ideia de que ou o indivíduo se torna empreendedor e cria sua própria empresa ou tem que trabalhar na administração pública ou em outros sectores empresarias já existentes.

Considerou-se relevante para o estudo empírico descobrir quais as motivações que estão por detrás do querer ser empreendedor, ou seja o que leva os Benguelenses a seguirem a via do empreendedorismo?

No processo de estudo de arte foram identificados três tipos de motivações. Falou-se de empreendedorismo por necessidade de oportunidade ou mesmo o intra-empreendedorismo.

No decorrer das entrevistas e como se pode observar na analise das mesma que o entrevistados identificam o empreendedorismo por necessidade como uma das principais causas de se querer ser empreendedor. Não pelo fato de terem identificado uma oportunidade, mas porque por questões económicas e sociais adversas a comunidade da província de Benguela viram-se necessitados a tentativa de criação da sua própria empresa o seu meio de sustento.

Não se falou no processo de intra-empreendedorismo como contexto motivador do empreendedorismo. O centro da motivação está mesmo na necessidade.

3. Como pode a universidade de KB pode motivar /ajudar os estudantes ou a sociedade em geral a serem empreendedoras?

O empreendedorismo académico, é vista como uma forma de preparação e de capacitação dos quadros para serem futuros empreendedores. Nomeadamente essa preparação ou atribuição das ferramentas necessárias é feita na escola.

Na tentativa de perceber a opinião dos entrevistados foi colocada a questão sobre a importância da faculdade de Katjavale Bwila no ensino do empreendedorismo e o impacto dessa instituição na comunidade.

Uma parte considerável dos entrevistados considera que sim o empreendedorismo deve ser ensinado na escola como forma de preparação dos estudantes para futuros atos empreendedores. A escola tem o papel de incentivar os estudantes a não dependerem somente só das instituições em termos de empregabilidade, arranjando alternativas a procura de emprego Uma forma que estes ainda identificam como importante é a faculdade de economia de UKB passem de forma segura e eficiente o que é o empreendedorismo.

Os recursos da UKB foram considerados suficientes para levar os jovens ao empreendedorismo, o que falta para estes entrevistados é a motivação para transformar oUKB tornando-a mais inovadora.

Os estudantes de contabilidade entrevistados considera que a faculdade de economia de KWB pelo fato de não ter uma disciplina específica de empreendedorismo diminui muito as possibilidades dos alunos de num futuro próximo poderem adotar algum projeto empreendedor

4. Como avaliar o desempenho e a qualidade dos recém formados da faculdade de economia de UKB?

Numa sociedade em que o conhecimento desempenha um papel importante na economia, formar quadros capazes e competentes por si já uma forma de criação de riqueza. Passa pela aposta nos quadros capacitando-os para desafios futuros.

A faculdade de economia de UKB, tem um papel preponderante na comunidade da província de Benguela. Consequentemente o papel que este desempenha deve ser eficiente. Para analisar de que forma tem sido o desempenho da UKB foi questionado aos entrevistados sobre a satisfação destes em relação a qualidade de ensino ministrado

na faculdade. Facto é que a satisfação é no seu todo positivo. Mas dos entrevistados preferem não seguir a via do empreendedorismo optando pela empregabilidade a conta de outrem.

A faculdade de economia de KB na perspectiva dos entrevistados tem ainda o papel de fomentar o empreendedorismo não só no meio académico, mas também no meio da sociedade em geral. Mas para que tal aconteça o corpo docente tem que ser reformado capacitando-os de todas as técnicas e capacidade intelectuais e como instruir e formar futuros empreendedores. Defendem ainda uma intercalação maior entre a UKB e as instituições da província de forma á oferecerem não só possibilidade de estágio mas também de integrarem no mercado.

5. Como se tornar num potencial empreendedor?

Em larga medida os entrevistados definiram o conceito de empreendedor como o ato de criar como já foi em cima referido. Mas até que ponto os participantes do estudo sabem de como ou o que fazer para se tornarem empreendedores?

Quando questionados sobre o que fazer para se tornarem empreendedores, a maior parte (três dos entrevistados) não souberem o que responder, e os que responderam acreditam que a capacidade empreendedora advém da transferência de conhecimento e de experiências.

Foi importante de forma geral enquadrar a opinião dos entrevistados naquilo que é o empreendedorismo e a importância que este tem no crescimento económico de benguela.

Podemos aqui concluir que apesar das várias tentativas de extrair informações sobre o empreendedorismo no seio da comunidade de Benguela as respostas as questões foram maioritariamente vagas, não possibilitando uma extração vasta de informações.

A este propósito, vale a pena aprofundar o grau de responsabilidade atribuída a UKB na preparação dos jovens para serem futuros empreendedores. Como foi salientando no ponto c) das análises, um dos principais desafios a enfrentar pela instituição de ensino não será somente da instituição do empreendedorismo como disciplina nos cursos, mas também de consciencializar os cidadãos que qualquer individuo independentemente do seu grau de ensino é capaz de se tornar empreendedor e que isto só depende de ter capacidades e espírito de iniciativa.

CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Objetivou-se desde o primeiro instante de elaboração do trabalho, ter uma maior percepção daquilo que é o empreendedorismo em Angola mais concretamente na província de Benguela, bem como analisar o papel que a faculdade de economia de UKB tem na promoção do empreendedorismo em Benguela.

Acerca desta temática podemos inferir que o conceito de empreendedorismo está bem assente em Benguela. é um conceito que e um fenómeno que está ganhando terreno na comunidade comum académica e empresarial.

O desenvolvimento e espirito empresarial têm vantagens importantes no seio de Benguela tanto económico como socialmente, já que se constitui uma força matriz na criação de novos e dinâmicos empregos, garante competitividade e crescimento, mas também é uma forma de impulsionar para a realização pessoal e concretização dos objetivos sociais.

Estamos não só perante um quadro em que Benguela precisa não só de mais quadros empreendedores e de um ambiente favorável para o empreendedorismo, como de maior capacitação e aposta nos recursos humanos. O ensino superior não deve ficar alheio a essa responsabilidade. Tem de ser envolvidos para a promoção e desenvolvimento do espirito empreendedor. A educação /empreendedorismo são dois processos que devem assumir-se conjuntamente como elementos chaves para o desenvolvimento de Angola e particularmente de Benguela.

De acordo com o que foi salientando no referencial teórico, o empreendedorismo para os teóricos estudiosos desse fenómeno, não é mais que a concretização de uma ideia.

Ora tanto Adam smith (1776), Jean Baptiste-Say (1816), bem como John Stuart Mill, (1848), são alguns teóricos abordados que caracterizam o empreendedorismo como uma capacidade de aproveitar as mudanças económicas e sociais numa sociedade em que está inserida em proveito próprio. Estamos perante uma concordância entre as teorias e aquilo que é defendido e observado no estudo empírico, já que maior parte dos participantes do estudo referem ao empreendedorismo como: tirar proveito de uma oportunidade, ou da capacidade que o individuo tem em arriscar, apostando não seu

capital intelectual e económico na concretização de uma ideia, ou em aproveitar uma oportunidade.

Esta teoria foi defendida por vários autores nomeadamente Barron e Shane (2007), que definem o empreendedorismo como o reconhecimento de uma oportunidade.

As teorias sobre o empreendedorismo são na sua maioria unânimes. Apesar de elas advirem de motivações diferentes, o que vale a pena salientar no ato de empreender é a capacidade de aproveitar uma oportunidade, quer seja ela social ou comercial.

Expusemos aqui a importância daquilo que é o ambiente externo no ato de empreendedorismo. Sabe-se que não interessa somente a vontade de ser-se empreendedor. Há que avaliar os fatores externos a vontade própria de empreender. No Projeto GEM Portugal (2004) encontramos elementos externos ao empreendedor. Fala-se das motivações externas ao indivíduo que tem um peso importante no sucesso do empreendedor.

O indivíduo pode optar por ser empreendedor porque identificou uma oportunidade, porque está inserido numa empresa onde há possibilidades de inovar e criar, ou porque esta inserida numa sociedade onde as oportunidades são escassas. Nesse caso estamos perante o que a GEM (2004) definiu como empreendedorismo de necessidade, que é quando os indivíduos criam o seu próprio negócio como alternativa aos problemas sociais como desemprego pobreza ou exclusão social (por falta de oportunidades).

A teoria apresentada em GEM (2004) e defendida por (Sivapalan e Balasundaram, 2012), foi observada no estudo empírico. Sendo que recentemente o desemprego estrutural é um fenómeno presente em todas as sociedades, há também de uma forma cada vez mais crescente um tipo de empreendedorismo marcado não pela oportunidade mas sim pela necessidade de sobrevivência. (Sivapalan e Balasundaram, 2012).

A análise de conteúdo das entrevistas, conjugada com as teorias sobre o empreendedorismo permitiu aferir uma aproximação ideológica sobre aquilo que é a necessidade dos benguelenses em seguir a via do empreendedorismo.

Maior parte dos entrevistados aponta o empreendedorismo por necessidade como dominante em Benguela. Por ser uma comunidade em fase de desenvolvimento são poucas as oportunidades.

Numa altura em que a obtenção de emprego se apresenta cada vez mais difícil para os jovens na sua maioria diplomados à procura do 1º emprego e desempregados, o trabalho independente e a criação do seu próprio modo de sustento surgem como alternativas possíveis de inserção no mercado de trabalho.

Para se ser empreendedor não basta ter só a oportunidade. Antes há que saber identificar planear e executar todas as ações inerentes ao empreendedorismo. Por isso da importância da educação empreendedora nas escolas.

Timmons & Stevenson (1984) citados por Mendes (2007:288), defendem o empreendedorismo como uma aprendizagem ao longo da vida. Uma aprendizagem ao longo da vida que só pode ser alcançado na conciliação com os instrumentos educativos necessários a implementação de ideias empreendedoras.

Por isso da importância de questionar os Bengaleses sobre o ensino do empreendedorismo nas escolas. É certo que cabe as instituições de ensino capacitar os jovens com as ferramentas necessárias para e como meio de garantir um futuro sustento através do empreendedorismo. Para tal, é necessário apostar no encorajamento dos indivíduos que não apresentam características consideradas ótimas para empreender, fornecendo-lhes ferramentas de aprendizagem para o desenvolvimento e gestão de um negócio (Redford, Osswald, Negrão & Veríssimo, 2013).

Apesar e o empreendedorismo académico e o ensino deste já estar presente em todas as universidades o certo é que em alguns ainda é um processo deficiente. Através do estudo empírico foi possível concluir que há uma grande prevalência de responsabilização do ensino e do sistema de ensino como causa da ausência de empreendedorismo em Benguela. O que nos leva a concluir que os entrevistados vêm, no ensino, um pilar para o empreendedorismo. O certo é que apesar de nas IES desempenharem um papel fundamental na promoção do empreendedorismo, instituir disciplinas de empreendedorismo, como defendido por Janísio Salamão (2017), por si só não resolve o problema. São várias as formas de fomento de empreendedorismo em Benguela como o reforço no do corpo docente.

Mas estamos também perante ausência de uma cultura empreendedora que por si só é um facto negativo. A cultura do empreendedorismo é importante para que este singra a sociedade. Tal como defendido por (Stephan *et al.*, 2016), se os indivíduos são também

movidos pela cultura e pelo grau de importancia que o empreendedorismo representa à comunidade onde o individuo está enserido.

O empreendedor foi conceituado em 1953 por McClelland *et al.*, como o indivíduo que emerge de uma necessidade de realização. Pois concluímos que está ideia ou esta conclusão foi verificada no decorrer do estudo empírico, onde os entrevistados apresentam o empreendedor como aquele que persegue uma ideia ou um sonho.

Facto ainda que vale a pena aqui apresentar são as habilidade e atitudes do empreendedor, defendidos por Bacigalupo *et al.* (2016:21), que entendemos advirem da cultura empreendedora onde o individuo está inserido, mas que não foram observados no estudo empírico. Talvez devido à concentração de ideias e opiniões ao redor da educação do empreendedorismo.

CAPÍTULO VII– CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Neste último capítulo, apresentam-se os principais resultados obtidos na investigação empírica realizada, as limitações do estudo, deixando algumas sugestões para futuras investigações.

Face à importância que se tem atribuído ao empreendedorismo, o presente estudo visou conhecer as várias definições do empreendedorismo da importância deste nas sociedades e na economia.

Derivado da importância desde nas sociedades, no estudo empírico optou-se por analisar as dinâmicas empreendedoras de Benguela, e a importância que a Faculdade de Economia de KB tem no fomento do empreendedorismo em Benguela.

O empreendedorismo foi caracterizado como uma forma de fugir a determinados fatores de vida, mas também como forma de ser-se independente.

Esta foi analisada em torno do referencial teórico, como o ato de inovar e de criar, onde o indivíduo motivado por várias situações de vida social económica e demográfica opta por seguir a via do empreendedorismo. Esta, além de ter um objetivo inicial diferente, também é caracterizada por ter duas finalidades. A finalidade de ajudar o outro, a sociedade ou comunidade onde está inserida. Esse tipo de empreendedorismo foi caracterizado como empreendedorismo social. Onde o indivíduo identifica um determinado problema social e tenta pela via do empreendedorismo resolver o problema em questão.

Quanto à segunda finalidade do empreendedorismo, por sua vez, não tem como objetivo a responsabilidade social como “motivação” mas sim o bem-estar próprio. Que pode ser caracterizado pela obtenção de riqueza ou do lucro. Apesar de nesse tipo de empreendedorismo a motivação inicial não ser a “responsabilidade social”. A sua ação final poderá resultar num tipo de comprometimento para com a sociedade. Falamos de criação de emprego como um dos principais ganhos do empreendedorismo não social.

Pensamos que a criação de um novo produto ou de inovação de um novo produto advém do ato heroico de ser-se empreendedor, mas tal não basta.

Para além do indivíduo ser detentor de um conjunto específico de características, que o levam a pensar no empreendedorismo, esta decisão também depende em larga escala das oportunidades.

Estas oportunidades são aquilo que podemos caracterizar como aspetos de fomento ao empreendedorismo. Para além de o indivíduo ser detentor de autoconfiança, capital/financiamento, capacidade/competência, ser criativo, o empreendedor tem que contar com os fatores externos.

A educação para o empreendedorismo é um dos fatores externos. O indivíduo pode ser detentor de todas as características mencionadas em epígrafe, mas se estiver inserida numa sociedade com uma baixa cultura em empreendedorismo as percentagens de este ter sucesso já são limitadas.

O ensino do empreendedorismo é uma nova forma de olhar sobre o mundo sobre as dinâmicas sociais e económicas. Ela é uma forma de promover a construção de ideias de avaliação de oportunidades de mobilização de recursos em prol do particular e do grupo, assunção de riscos.

Para além de promover a independência, o empreendedorismo promove o desenvolvimento económico das sociedades.

Estes foram alguns dos pontos teóricos para se começar esta investigação empírica.

Tendo como objetivo conhecer o fenómeno do empreendedorismo em Benguela, bem como conhecer as contribuições que a Faculdade de Economia da UKB, no fomento ao empreendedorismo na província, chegamos às seguintes conclusões:

Como primeira nota, é importante salientar que a realidade do país necessitaria sem dúvida de um tratamento mais prolongado e de um relatório mais extenso que abrangesse as múltiplas dimensões de análise descobertas tanto no discurso teórico como no estudo empírico.

As duas extensões do trabalho (teórico e empírico) remetem para um conjunto de indicadores no campo do empreendedorismo que não são favoráveis aos jovens empreendedores no país. O país de momento conta com poucos incentivos ao empreendedorismo. Sendo que os fatores externos de fomento ao empreendedorismo dependem muito da cultura do empreendedorismo, conclui-se que Angola precisa

investir mais nas políticas públicas de empreendedorismo. A intervenção no âmbito das políticas públicas de apoio ao empreendedorismo ao desenvolvimento e promoção da I&D em Angola é um objetivo a ser adotada pelo governo, pelas instituições de ensino e pelas empresas.

Angola é um dos países de Africa que mais usufrui da produção de matérias-primas, e talvez por esse facto o governo e as instituições credíveis, não tenha tomada iniciativas de promover o empreendedorismo como forma de promover o bem-estar da população mais vulnerada como os desempregados, os pobres, e as pessoas em situação de exclusão social¹¹.

No que toca as conclusões do estudo empírico, aponta-se como um dos principais desafios e obstáculos que Benguela enfrenta de momento seja a consciencialização dos indivíduos de que o ser-se empreendedor não se ensina nas escolas. É importante sim capacitar os estudantes das ferramentas necessárias, mas cabe a estes terem as devidas capacidades para aplicar/usar as ferramentas.

Maior parte dos entrevistados salienta que é na educação que se aprende a arte de ser empreendedor. Apesar do empreendedorismo nos últimos anos ter ganho um valor crescente no mundo, a aplicação deste não depende só da vontade do indivíduo nem de todo da educação.

Benguela é uma província em desenvolvimento. Consequentemente muitas políticas de crescimento económico ainda estão a ser tomadas, quer no seio da sociedade como na vertente pessoal. Os empreendedores e a sua contribuição associada as instituições assumem um papel relevante no desenvolvimento económico e social do país.

A universidade de Universidade Katyavala Bwila é uma das instituições centradas na província de Benguela que pode fomentar o empreendedorismo nessa comunidade, mas que para os entrevistados não tem acontecido. É apontado o atraso metodológico a não implementação da disciplina de empreendedorismo nos cursos, bem como carga teórica dos cursos como as causas de atraso no fomento do empreendedorismo em Benguela.

Podemos assim concluir que de acordo com as análises efetuadas nos relatórios do GEM-Angola 2010 que caracteriza o empreendedorismo em Angola, conjuntamente

11

com as análises do estudo empírico que em termos de evolução das políticas de desenvolvimento e de empreendedorismo são insuficientes.

O tema empreendedorismo vem ganhando terreno no nível de estudos em vários países, e a sua implementação tem sido uma forma de singrar e vencer os desafios do mercado e sociais.

Angola apesar ter tido um crescimento económico positivo nos últimos anos nomeadamente na produção, apresenta défices no que toca a inovação estímulo ao empreendedorismo.

7.1 Recomendações para melhoria do ensino em UKB

- i. Incluir nas unidades curriculares da Faculdade de Economia e outras privadas bem identificada a disciplina de empreendedorismo com metodologia de ensino capaz de desconstruir a ideia segundo a qual a escola serve apenas para formar pessoas que vão trabalhar por conta de outrem.
- ii. Realizar um estudo de carácter quantitativo para aferir o grau de envolvimento em termos de empreendedorismo.
- iii. Elaborar um projeto de âmbito social capaz de identificar e acompanhar os estudantes da Faculdade de Economia depois de terminar o curso para inserção no mercado com ideias próprias.
- iv. Criar protocolo com Instituições Estrangeiras no sentido de passarem experiência de forma como lidam com matéria de empreendedorismo na Licenciatura.
- v. Implementar metodologia virada para prática.
- vi. Abrir uma incubadora junto da Faculdade para os estudantes desenvolverem melhor as suas iniciativas e as suas ideias empreendedoras.
- vii. Elaborar um programa que favoreça todas as instituições de ensino e empresa no sentido de acudir a situação atual de crise com muito desemprego.

7.2. Limitações do estudo e sugestões de investigação futura

7.2.1 Limitações do estudo

Este trabalho de investigação apresenta como qualquer outra investigação certas limitações, desta forma sublinhamos algumas:

A disponibilidade dos professores, estudantes membros das associações na participação no estudo. Denota-se ainda uma certa resistência por parte da população em participar em estudo, onde estes têm que dar a sua opinião. Enquanto permanecer o medo em expor as opiniões, mesmo que haja vontade por parte dos académicos em abordar questões sociais e económicas, o mesmo acaba por ser impossível.

Apesar de se ter conseguido seguir com o estudo com a pequena amostra, mesmo assim as repostas as questões foram frouxas. Não houve uma vontade por parte dos entrevistados em expor os seus pontos de vista, principalmente quando viam que as entrevistas eram gravadas (apesar do aviso no início das entrevistas).

Outro aspecto inerente ao estudo foi a rejeição por parte dos entrevistados em darem resposta a determinadas questões sobre o ambiente de pequenos negócios ou iniciativas privadas o que concerne a projetos empreendedores.

7.2.2 Sugestões de investigação futura

Para futuras investigações, e tendo em conta que estamos perante um estudo limitado de uma dissertação de mestrado, as sugestões vão de encontro a uma maior abrangência do campo de estudo.

Tendo em conta a geografia e população de benguela é importante que a amostra de estudo fosse maior, o que não foi possível no presente trabalho. Sugerimos um estudo quantitativo que permitirá uma melhor orientação para com os objetivos e melhores conclusões.

Para além disso derivado da importância da Universidade Katyaval Bwila na provincia de Benguela, sugerimos à elaboração de um estudo que abrangesse os administradores (Coordenadores de cursos) e funcionários do corpo docente a participarem no estudo.

A estes seria adotado um estudo qualitativo. Por pertencerem aos recursos humanos da UKB seria uma forma de obter mais informações sobre os cursos os departamento os métodos de ensino ou mesmo os projetos que liguem a UKB e a comunidade no desenvolvimento de Benguela.

Por último a sugestão parte da ideia de fazer um estudo comparativo entre a província de Benguela e de Luanda no que toca ao empreendedorismo. Quais as políticas adotadas, qual a responsabilidade e o papel das faculdades nessas duas cidades no fomento do empreendedorismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, B.T. Fernandes (2014), Dissertação de Mestrado "*O papel do intraempreendedorismo para a perceção da inovação organizacional-Estudo de caso*: AX, Portugal

ALVES, P. Maria (2012). *Metodologia científica*. Lisboa: Escolar Editora

AMADO, J. (2000). *A Técnica da Análise de Conteúdo*. Referência 5, 53-63, disponível em <https://woc.uc.pt/fpce/person/ppinvestigador.do?idpessoa=10057> . consultado, dia 7/9 /2016.

ANDERSON, T., Kanuka, H. (2003). *e-Research, Methods, Strategies and Issues*. USA: Person Education. Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

ARBO, P; BENNEWOTH P. (2007). *understanding the regional contribution of higher education institutions: a literature review*.

BACIGALUPO, M.; KAMPYLIS, P.; PUNIE, y; BRANDE V. (2016), *Entrecomp: Entrepreneurship competence Framework. For citizens*

BANHA, Manuel Francisco (2016), *Educação para Empreendedorismo, Cartas a um professor... O Triunfo dos Empreendedorismo* 1ª Edição.Lisboa:Getting. Comunicação Social, Unipessoal

BLAKE D. MATHIAS, SHELBY J. SOLOMON, KRISTEN, M. (2017) : *A stewardship perspective on entrepreneurship and philanthropy*, Journal of Business Venturing, Volume 32, 79

BLANK, Steve e DORF Bob (2014), *startup: manual do empreendedor “ Guia passo a passo para construir uma Grande Empresa*. Rio de Janeiro (Brasil) Editora: Alta Books,

BOGDAN, R. e Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BORDO, Michael David (1983). "*Some Aspects of the Monetary Economics of Richard Cantillon : Journal of Monetary Economics*.

BRUTON, G. D., Ahlstrom, D., & Li, H.-L. (2010). *Institutional Theory and Entrepreneurship: Where Are We Now and Where Do We Need to Move in the Future?* Texas: Baylor University.

CANTILLON, R. (1755). *Essay on the Nature of the trade general* . Antoin E. Murphy.

CARL, Menger (1994) trad. James Dingwall, Bert F. Hoselítg ; introd. F. A. Hayek *Principles of economics*: Mises Institute

CARVALHO, p. M. (2004). *Factores determinantes da intenção empreendedora*. Idanha-a-nova.

CHANSON, NAKAMOL (2016), *A comparison of entrepreneurial characteristics of business administration and health science undergraduate students at rangsit university-* Multidisciplinary Academic Conference/ Faculty of Business Administration, Rangsit University Thailand

CRESWELL, J.W. Chery, N. Poht (2007) *qualitative inquiry and research desig: Chsoosing Among Fuve Approaches*; 4º edição edições SAGE 80

DAVIDSSON, P. & Honig, B. (2003). *The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. Journal of Business Venturing* , 18.

DRUCKER, P. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*". New York, NY: Harper Perennial.

DRUCKER.. P. (2013). *O essencial de Drucker, Uma seleção das melhores teorias do pai da Gestão*. Portugal: Atual Editora.

ESTRIN, S.A. ;Tomasz M.; UTE S. (2016). Human capital in social and comercial entrepreneurship. *Journal of Business Venturing* .

EUROPEIAS, C. D. (2006). *Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Bruxelas: COM .

FERRÃO,L. ; RODRIGUES, M. (2000), *Manual Prático Formação Pedagógica de Formadores Da teoria à prática* (3ªedição), Lidel-Edições técnicas, Lda. Lisboa-Porto-Coimbra.

FERREIRA (2012), *Holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral de cidadania e de cooperação* FERREIRA, P.M.; SANTOS,C.J.; SERRA,F.R. (2010).*Ser Empreendedor Pensar, Criar e Moldar a Nova Empresa* (2ªedição).Lisboa: Edição Sílabo, Lda.

FERREIRA, S. J. (2011), *entrepreneur xxi. education for entrepreneurship: global business and economics review* january

FERREIRA, S. J. (2014), *Capacitar para o Empreendedorismo: Guia de apoio a implementação do projeto Promoção do Empreendedorismo*

FREITAS, H. ; Cristina D. P. M.; Jean-Pierre, B.; Ariel, B. (2012), *Elementos para guiar ações visando à orientação empreendedora em organizações de software*. Edições Revista Administração, São Paulo- Brasil 81

GASPAR, F. (2010). *O processo Empreendedor e a criação de Empresas de Sucesso-Vença a crise, criando o seu próprio negócio*. (2ª edição). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

GEM-Angola (2014); *Estudo sobre Empreendedorismo*. Disponível em: <http://www.ceic-ucan.org/wp-content/uploads/2015/08/GEM-Angola-2014.pdf>; Consultado, dia 2/2/2017.

GLOBAL MONITOR ENTREPRENEURSHIP (GEM, 2012), *Fatores de economia de produção*, disponível: http://web.spi.pt/GEMangola2012/files/GEM_Angola_2012.pdf. Consultado dia :12/6/2016

GUERRA, I.C (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso*, 1ª edição – Junho 2006 Edição Principia

HANSEN, J. D.; MONLLOR, J.; SHNRADER, R. (2016), *entrepreneurship and innovation- the internation journal of*; vol.17(4)240-255

HARGREAVES, ANDY (1998) *os professores em tempos de mudanças. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Editora McGraw-Hill de portugal, Lda

JARGENSEN,C., MOBERG E VESTERGAARD (2012) *impact of entrepreneurship education in denmark 2011*.

KANTER, R.M (1990), *When Giants Learn cooperative strategies*. Planning review, vol 18,

KAUTONEN, T. (2008). *Understanding the older entrepreneur: Comparing Third Age and Prime Age entrepreneurs in Finland*. *Journal of Business Science and Applied Management* , 3.82

KESICI^a S. Mehmet ; MEHMET, Gedik SUKRU,(2015), *Characteristics and Attitudes of Entrepreneurs Towards Entrepreneurship-World Conference on Technology, Innovation and Entrepreneurship*

LIVRO DOS FORMANDOS (2016) 1ª e 2ª fase universidade katyavala (ukb), direcção do editado por: Gabinete de Informação Científica e Documentação. Edição: Única,

MAÇÃES Ramos, Alberto, Manuel. (2014).*Manual de Gestão Moderna. Teoria e Prática*: Lisboa: Actual Editora, ISBN978-989-694-103-1

MALCATA F. XAVIER (2001). *A Universidade e a Empresa-exercício de diagnóstico e perspetiva* (1ªedição). Lisboa: Publicações Universitárias e científicas

MARTINS , MOLEIRO JOSÉ (2010),*Gestão do conhecimento. 1ªEdição Lisboa*

MILL, J.S. (1848). *Principles of political economy*. Editorial sínteses S.A. Espanã (2008)

MOREIRA. A; BARATA. M. J (2001), *Estudo Ensino Superior e competitividade*. Volume II, (1ªedição) Lisboa: editorial do Ministério da Educação.

MUCUTA DOMINGOS (2015).*Economia & Finanças. Jornal de Economia em Angola, página 14 Ano 7 sexta-feira 14 /8/2015 N.º363*

NAUDÉ, W. (2013). *Entrepreneurship and Economic Development*.: University of Maastricht,.

NEVES, C. J. (2013), *Introdução à Economia*. Edição. Babel, Portugal.

OSTERWALDER, A E PIGNEUR (2013) *Criar Modelos de Negócios*, 5ª edição, Publicação Dom Quixote 83

PEREIRA, P. J. (2016), *Economia*. Jornal Público de Portugal, página 17, Ano XXVII /quarta-feira 27/7/2016, n.º 9598

THURIK, S. W. (1999). *Small Business Economics* . p. 13: 27. .

PINHO C. J. & THOMPSON D. (2016), *Condições Estruturais Empreendedoras Na criação de Novos Negócios: A visão de especialistas*;

PORTELA, J.; Hespanha, P.; Nogueira, C.; Teixeira, M., & Baptista, A. (2008). *Empreendedorismo um conceito plural, in Microempreendedorismo em Portugal: Experiências e Perspectivas*. INSCOOP.

RAMOS, SOFIA E NOGUEIRA LUDOVICE PEDRO (2013), *a alma do negócio, um guia prático para os empreendedores em Portugal*. edição., lisboa: editora: sabedoria alternativa.

RELATÓRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA, Para o Plano Nacional Desenvolvimento (PND 2013-2017)

REPÚBLICA DE ANGOLA, Decreto-Lei n.º30/11, de 13 de Setembro. *Diário da República n.º176/11-I Série* Ministério do Comércio. Angola.

REVISTA LUSÓFONA DE EDUCAÇÃO (2006). *A ideia de Educação Superior e Reforma da Universidade recomposição e perspetivas*. Edições: Universidades Lusófonas.

SANTOS N.; João, M. e Seabra, M. F. (2015), *Inovação social e Desenvolvimento*. 1ª Edição. Lisboa: Editora RH, Lda.

SARKAR, S. (2007), *Empreendedorismo e Inovação. Irmãos de Armas*. Escolar Editora

SARKAR, S. (2014), *Empreendedorismo e Inovação*. Escolar Editora, 84 SAY, J.A. (1816), *Treatise on Political Economy*- Sherwood, Neely and Jones, London.

SCHENSUL, J. (2008) "*Methodology*." The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods. SAGE Publications.

SIMTH, Adam. (1776), *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*,

EDWIN Cannan (eds), Londres: Methen e Co., Lda. SÍNTESE DO PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA (2013-2017). (2012), Luanda

SIVAPALAN, A., & Balasundaram, N. (2012). *Level of entrepreneurial intention of the management undergraduates in the University of Jaffna, Sri Lanka: scholars and undergraduates perspective*. *South Asian Academic Research Journals*, 2 (10),24-42.

SMITH, Adam (1776). *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations. I (1 ed.)*. London: W. Strahan.

SOFIA, Rodrigues. (2008), *Manual Técnico do Formando: Empreendedorismo*. Lisboa: Edição: ANJE.

SCHUMPETER, J.A (1934), *The Theory of Economic Development*. Harvard University Press, Cambridge Massachusetts,

SOUSA, J. M.; BAPTISTA, S, C. (2011). *Como fazer investigação, Dissertação, Teses Relatório*. Lisboa: Pastor-Edições de ciências sociais e política Contemporânea. 85

SCHUMPETER, J. A. (1982), *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural,

TARU CIOBO, CLAUDIU, ADRIANO (2013) *Entrepreneurial Education as a Society Project An Essay on the Conceptualization of the Spirit of Initiative and Entrepreneurship in educational Field-* Review of Economic Studies and Research Virgil Madgearu, no1

UNESCO (2008), *Educação de qualidade, equidade e desenvolvimento sustentável: uma concepção holística inspirada nas quatro conferências mundiais sobre educação organizadas pela UNESCO em 2008-2009*.

HAYEK, F. A. (1945). *The Use of Knowledge in Society*. American Economic Review. XXXV, No 4. American Economic Association

VILARES, J. M. ; COELHO,S. P. (2011). *Satisfação e lealdade do Cliente, metodologia de avaliação, gestão e análises*. (2ªedição).Lisboa: Escolar Editora

WETOVER, J H. ; RAHIMI, R, G (2010) *An Exploration of social entrepreneurship in entrepreneurship Era*.

YIN, Robert K, (2015).*Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. 5ªEdição.Porto

YUNUS,MUHAMMAD (2016) social-business

<http://socialbusinesspedia.com/category/social-business/155/what-is-social-business>, consultado, 2/7/2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, REPÚBLICA DE ANGOLA (2013). *Relatório da fase de experimentação do ensino primário e do 1º ciclo do ensino secundário*. Editora: Editora Moderna, S.A

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. REPÚBLICA DE ANGOLA, (2013). *Programa de empreendedorismo 10ª e 11ª de formação de Professores do 1º ciclo do Ensino Secundário*. Editora: Editora Moderna, S.A 86

ZOLTAN, J. A. (1993). *Small firms and entrepreneurship: an east-west perspective*. Edição Cambridge University Press.

Anexos

Anexo 1_ Grelha de análise de entrevistas

Dimensão	Unidades De Registo	Sub -categorias
Empreendedor	<p>Capacidade de criar algo novo</p> <p>Criar algo novo virado para o mundo do negócio</p> <p>Capacidade de identificar oportunidade de negócio</p> <p>Sonhar e colocar as ideias em prática</p>	<p><i>Inovação</i></p> <p><i>Criar</i></p>
Motivação	<p>A necessidade de terem o seu trabalho para sobreviver.</p> <p>Falta de emprego formal razão que leva a fazer negócio de forma a resolver os problemas</p> <p>Devido às dificuldades existentes tornou-se necessário um empreendedorismo por necessidade</p>	<p><i>Necessidade</i></p>
Fomento do empreendedorismo	<p>Para criar e fomentar existir a sensibilização por parte das empresas e empresários de forma a existir cooperação no sentido de aprendizagem</p> <p>Permitir recolha de informações teóricas e praticas sobre a sua implementação e o seu fomento</p>	<p><i>Interacção</i></p>
Faculdade de economia	<p>Inexistência de perspetivas para o futuro</p> <p>Existência de muita teoria e pouca prática</p>	<p><i>Satisfação</i></p>
Educação Empreendedora	<p>Ensinar a tomar decisões e a mitigar os riscos inerentes aos negócios</p> <p>Permito estágios (no momento não são aceites)</p> <p>Criar condições das intercessões das inteligências</p> <p>Regular os negócios com as leis</p> <p>Quebrar o isolamento por parte da Faculdade</p> <p>A interdisciplinaridade é importante da aprendizagem</p>	<p><i>Aprendizagem para o empreendedorismo</i></p> <p><i>Prática do empreendedorismo</i></p>
Intenções de empreendedorismo	<p>Possibilidade de análise dos projetos de investimentos</p> <p>Aprendizagem para a criação de um negócio</p>	<p><i>Orientação</i></p>

Fonte: Elaboração própria a partir de análise de entrevistas

Anexo 2- Guião de Entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA ASSOCIAÇÃO DE EMPRESÁRIOS E EMPREENDEDORES/ PROFESSOR

INSTITUTO POLITECNICO DE LISBOA

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA

MESTRADO EM GESTÃO E EMPREENDEDORISMO

I-CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÃO/ASSOCIAÇÃO.

1-Qual é o nome da instituição? Quando foi criado?

2-Qual é o sector de atividade:

3-Quais os vossos objetivos:

II- CARACTERISTICAS DO ENTREVISTADO

1-Nome:

2-Habilitações literárias:

3-Função (Professor / membro da associação ou diretor):

III-PERGUNTAS/QUESTÕES

1-O que significa para si o empreendedorismo?

2-Em sua opinião, como define empreendedorismo na província de Benguela?

3-Ensina-se a ser empreendedor? (onde: escola família, amigos). Porquê na escola?

4-Que tipo de empreendedorismo realça na província de Benguela? (empreendedorismo social, intraempreendedorismo; por oportunidade e necessidade). Em sua opinião, o que leva os cidadão a optar por algum deste tipo de empreendedorismo? Para si a educação empreendedora influencia na criação de novos negócios? Como?

5- Como a faculdade de economia pode motivar os estudantes, a sociedade em geral a empreenderem? De que forma isto pode ser feito?

6-Pode nos dizeres as características dos empreendedores? Quais os fatores que influenciam o fomento do empreendedorismo?

7-Como a faculdade de economia pode ajudar os estudantes a construir o seu próprio futuro? Existem ferramenta e recursos intelectuais necessária para aprendizagem do empreendedorismo?(refiro-me, professores qualificados, modelo de negócios , plano de negócios inovações etc)?

8-Considera-se satisfeito com o desempenho dos estudantes depois da saída da faculdade de economia sobre o curso de gestão empresarial e contabilidade?

9- Em sua opinião qual é a missão do ensino superior numa economia do conhecimento? (Ou qual devia ser?)

10-Para si como é que o sector público ou privado pode ser mais competitivo? A disciplina de empreendedorismo pode ajudar tal atitude? Como?

11-Qual tem sido a contribuição das associações de empresários e empreendedores na aprendizagem dos estudantes da faculdade de economia?

12-Como o estudantes podem se tornar potenciais empreendedores?

13-Pode nos dizer algumas competências necessárias para um potencial empreendedor? (competência de performance e comportamental)

14-Para si qual deve ser a estratégia de aprendizagem para o crescimento económico?

15-O que aconselharia a faculdade de economia para fomentar o empreendedorismo?

16-Para finalizar, o que achas de valor que esta investigação pode traz para academia e a sociedade em geral?

17-Queira fazer um comentário? **Muito obrigado**

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTE DO CURSO DE GESTÃO EMPRESARIAL E CONTABILIDADE. DURAÇÃO_____

I-CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÃO/ASSOCIAÇÃO.

1-Qual é o nome da instituição? Quando foi criado?

2-Qual é o sector de atividade:

3-Qual é o vossos objetivos:

II- CARACTERISTICAS DO ENTREVISTADO

1-Nome:

2-Habilitações literárias: 4º Ano

3-Ocupação: Estudante

III-PERGUNTAS/QUESTÕES

1-O que é para si o empreendedorismo?

2-Em sua opinião como define empreendedorismo na província de Benguela?

3-Ensina-se a ser empreendedor? (onde: escola família, amigos). Porquê na escola?

4-Que tipo de empreendedorismo realça na província de Benguela? (empreendedorismo social, intraempreendedorismo; por oportunidade e necessidade). Em sua opinião, o que leva os cidadão a optar por algum deste tipo de empreendedorismo? Para si a educação empreendedora influencia na criação de novos negócios? Como?

5- Qual é a disciplina onde aprendem a criar os novos negócios?(Diz-nos como isto é feito) . Como a faculdade de economia pode motivar os estudantes, a sociedade em geral a empreenderem? De que forma isto pode ser feito?

6-Quais as características que devem ter os empreendedores? Quais os fatores que influenciam o fomento do empreendedorismo?

7-Como a faculdade de economia pode ajudar os estudantes a construir o seu próprio futuro? Existem ferramenta e recursos intelectuais necessária para aprendizagem do empreendedorismo? (refiro-me, professores qualificados, modelo de negócios , plano de negócios inovações etc)?

8-Considera-se satisfeito depois de sair da faculdade de economia (no curso de gestão empresarial e contabilidade)? Pretendes trabalhar por conta de outrem, ou por sua conta?

9- Em sua opinião qual é a missão do ensino superior numa economia do conhecimento? (Ou qual devia ser?)

10-Para si como é que o sector público ou privado pode ser mais competitivo? A disciplina de empreendedorismo pode ajudar tal atitude? como?

11- Como estudante qual tem sido a contribuição das associações de empresários e empreendedores na vossa aprendizagem? (passar expertises, contar as atividade desempenhada nas suas empresas etc)

12-Como o estudantes podem se tornar potenciais empreendedores?

13-Pode nos dizer algumas competências necessária para um potencial empreendedor?

14-Para si qual deve ser a estratégia de aprendizagem para o crescimento económico ?

15-O que aconselharia a faculdade de economia para fomentar o empreendedorismo?

16-Para finalizar, o que achas de valor que esta investigação traz para academia e a sociedade em geral?

17-Queira fazer um comentário?

Muito obrigado